A CENA MUDA



Nº 17[illegible] ★ 28-4

Cr$ 4,00 em todo

AUDREY HEPBURN
O IDOLO QUE SURGIU

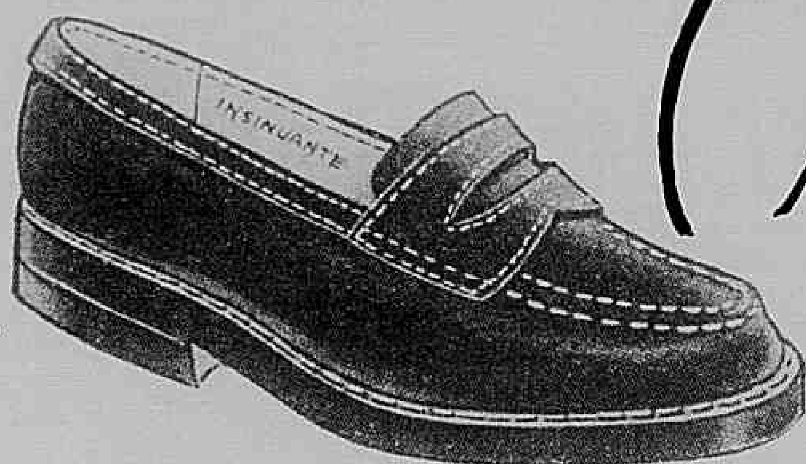
"ESTRÊLAS" E "ASTROS" ATRAÍDOS PELO DINHEIRO !

★ **QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER ?**

★ **A NOVA «ENQUÊTE» DE «A CENA»**

★ **CAUSARÁ SENSAÇÃO O FESTIVAL DE CANNES**

Mande os seus filhos á ESCOLA!



109



110



111



112

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

109 28 a 33 Cr$ 150.00 — 34 a 40 Cr$ 195,00. Sapato colegial-esportivo, adotado pelas principais escolas do País. (ótimo Bezerro prêto ou marrom). Saltos de Borracha.

110 **Até** 27 Cr$ 100,00 — 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha.

111 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 40 Cr$ 150,00. Sapato cem por cento colegial, para moças, em superior vaqueta preta, C/ Saltos de Borracha. Um grande sapato!

112 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 37 Cr$ 150,00. Ótimo sapato para meninos e rapazes, em superior vaqueta preta.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

É **insinuante**

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

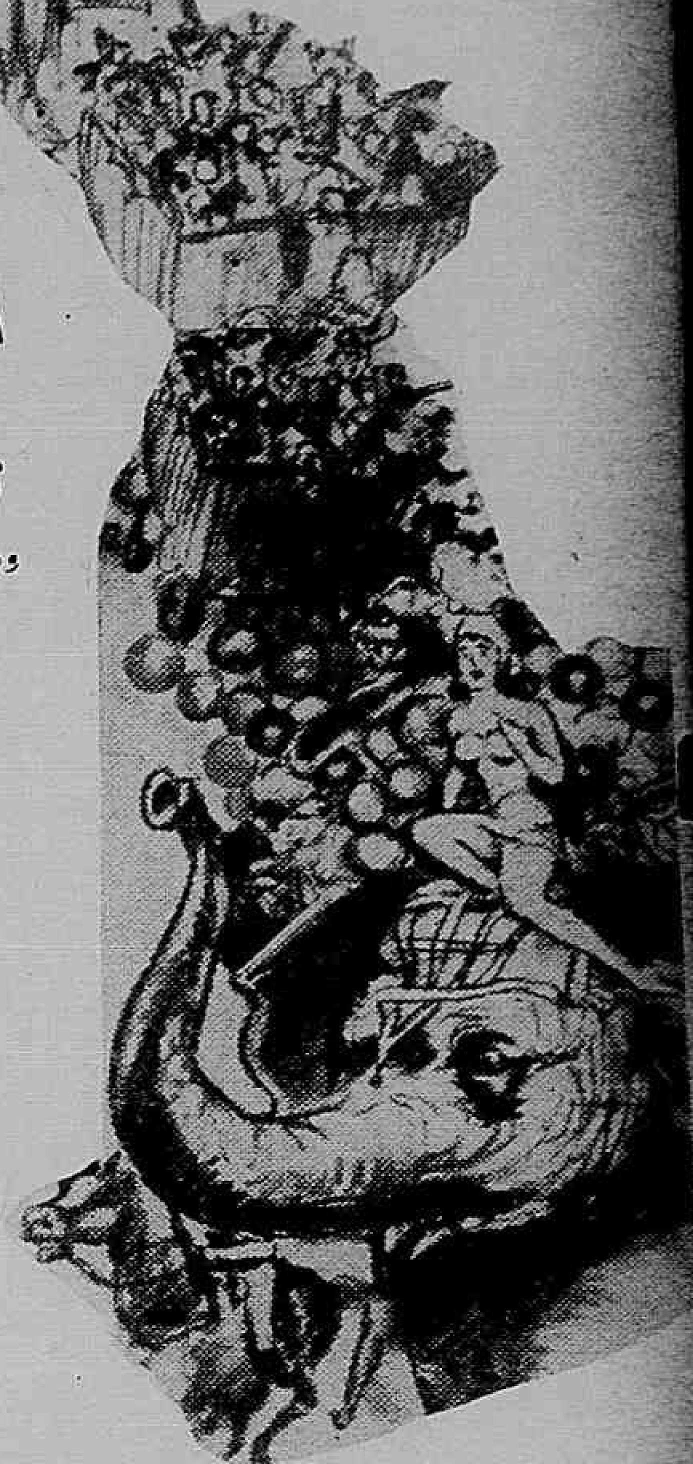
AT. SEMOG.



NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO, EM

PRÉ-ESTRÉIA

4— "Noites de Circo"



Cresce sempre, artìsticamente, o cinema sueco. E o mais importante: com características próprias, com alma e personalidade brilhantes. Êste filme é mais uma positiva afirmação de avanço no país nórdico de onde têm surgido diversos filmes de categoria excepcional: «Mademoiselle Julie», «Tortura de um desejo» («Hets») ou «A mulher e o pecado». O atual filme — baseado em história de Ingmar Bergman, o próprio diretor — apresenta uma história crua e realista. Sem dúvida, inspirou-se o cineasta sueco na escola-naturalista de Emile Zola, seguida por tantos autores. As personagens escolhidas são rudes, involuídas e cometem torpes faltas. Naturalmente, cria-se um clima asfixiante de devastidão interior, de agrado para o grande público mas que nada deixa de construtivo. O conteúdo fixa o mal e a imperfeição das personagens. E, através de notável roteiro e direção precisa, as tintas são densas e reais, e, por vêzes, chegam ao patético. Houve certa preocupação em congregar os contrastes do sofrimento aos da alegria. E isto desde a primeira seqüência. A princípio, divertem-se os componentes do circo, com a espôsa do palhaço, que se banhava despida, à vista de todos. Entretanto, pouco após, o ambiente turva-se com o grotesco da situação e com a desdita do marido. Em alguns outros momentos a idéia retorna pelos caminhos os mais diversos possíveis, inclusive reunidos a efeitos de som e do sentido funcional da plástica dos quadros. Sob êste ponto de vista o filme é de prodigalidade imensa. A beleza da composição alia-se aos efeitos de luz dos fotógrafos Sven Nykvist e Hildin Bladh. Em certas situações, o diretor abusa do excesso sensual em volta do físico da «estrêla» do circo. Aliás, o sentido de sexo tem estado sempre presente nas grandes realizações do cinema nórdico e trai, certamente, influências da índole e costumes livres de váriasi camadas do povo. Ake Gromberg tem grande desempenho no rústico brutamontes do circo. Os mesmos encômios cabem a todos pois, embora com maior ou menor oportunidade, estão perfeitos: Harriet Anderson, uma nova personalidade de valor para o mundo do cinema, Hasse Ekman, Anders Ek, Gudun Brost, Annika Tretow, Gunnar Bjornstrand e outros. A partitura musical é usada sem qualquer efeito de rotina e, sim, com imensa propriedade funcional. Enfim, eis um conjunto que envolve muita arte mas, ao mesmo tempo, não deixa de sugerir um certo choque às intempéries de tantas criaturas frágeis de espírito, tão sujeitas ao êrro. Entretanto, é a própria realidade do meio ambiente geral. O circo não é tratado como espetáculo feérico, conforme sucedeu no recente filme de De Mille. Transita-se no denso e rude mundo dos bastidores dos intérpretes circenses.

JONALD



Grandes valores do cinema sueco: Annita Tretow, Ake Gromberg e Harriet Andersson

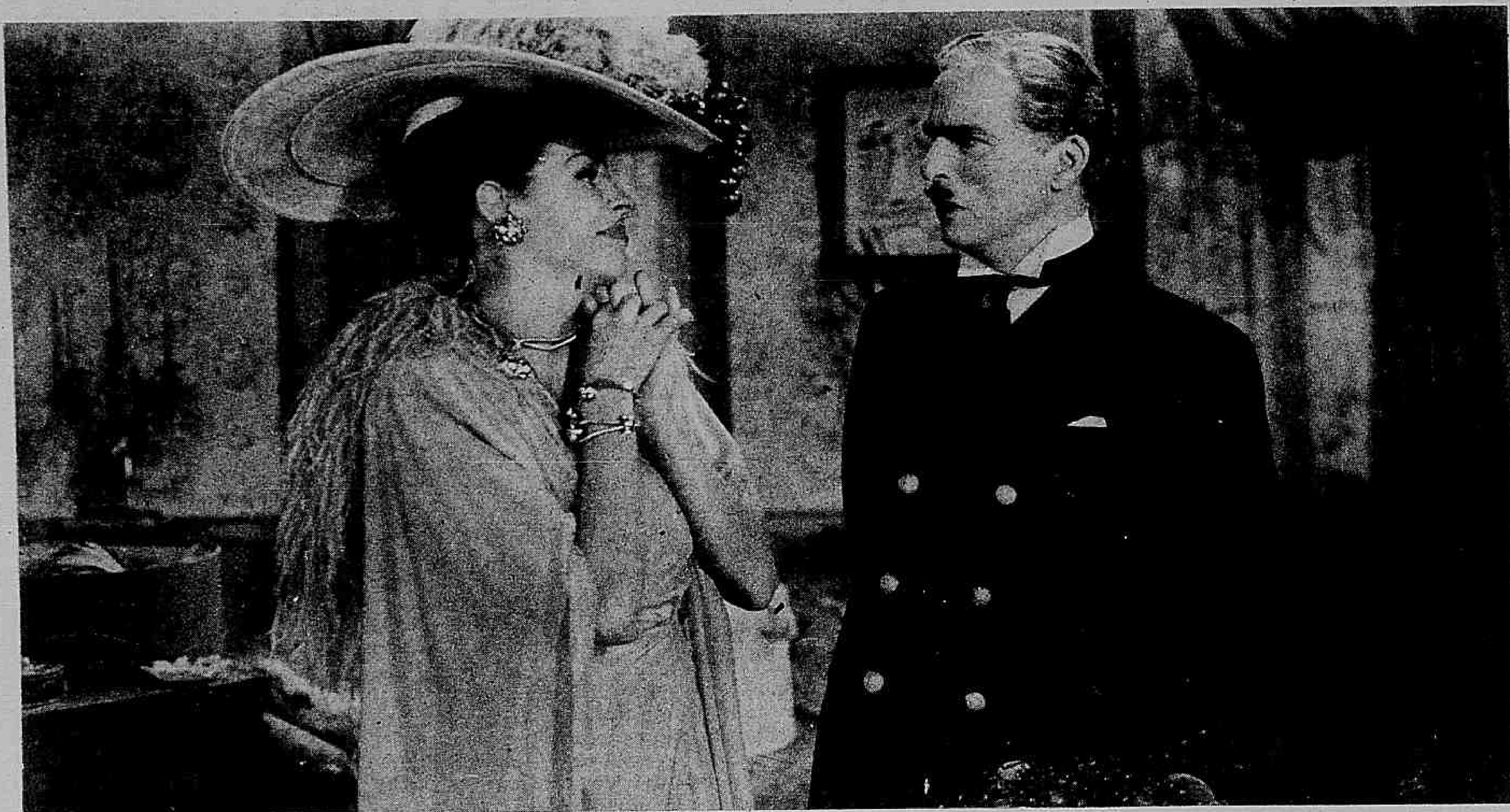
CENA nº 17, de 28-4-54

SUMÁRIO

REPORTAGENS ESPECIAIS
"Estrêlas" e "astros" atraídos pelo brilho do dinheiro... 4
Os Melhores Filmes de Todos os Tempos 6
Os Grandes Vultos: Bette Davis 10
Festival de Cannes.. 12
Quais os filmes que desejaria rever? .. 13
A Nossa Capa: Audrey Hepburn 13
Não é Proibido Casar 14
Quadro de Honra do Mês 16
O Cinema e a Dança 26
SEÇÕES PERMANENTES
Pré-Estréia 3
Novela das Imagens: "O Prisioneiro de Zenda" 18
Cinema Brasileiro .. 22
Curiosidades e "Close-Ups" 24
Segredos da Tela ... 25
Cartazes em Revista 28
Teatro-Música 30
De Todo o Mundo... 31
Rádio — Discos Novidades 32

"ESTRÊLAS" e "ASTROS" ATRAÍDOS PELO BRILHO do DINHEIRO

De L. BOLTSHALSER, exclusivo para «A CENA»



O excepcional Carlitos ganhou fortunas com seu valor humano e humorismo sadio. Seu orçamento é equilibrado. Cena de um dos maiores filmes: «Monsieur Verdoux».

Os artistas, em geral, passam por sonhadores, pairando muito acima das prosaicas contingências quotidianas que tanto assustam os outros mortais. Imagina-se o artista displicente no vestir, sub alimentado, de cabelos compridos e barba mal feita. Ou ganham muito pouco e vivem miseràvelmente ou recebem somas fabulosas que dispendem num abrir e fechar de olhos. Em resumo, a lenda os pinta como indivíduos essencialmente distraídos e inteiramente desorganizados.

Entretanto, os testamentos de algumas famosas personalidades do cinema vieram revelar o contrário, mostrando que também os artistas têm, algumas vêzes, aguçado tino comercial, gerindo seus bens com prudência e bom-senso.

Tanto isso é verdade, que a veterana atriz francesa Arletty condenava exatamente êsse espírito mercantil em alguns atores. Diz ela:

— E' difícil encontrar um verdadeiro artista. O ator geralmente comercia a sua arte; representa para obter um automóvel, uma casa confortável, para adquirir o direito de ter as paredes de sua residência ornadas por originais dos grandes pintores. E, para isso, não hesitam em perder sua liberdade, tornando-se oportunistas.

Mas essa questão da comercialização dos artistas já é outra. O fato é que muitos dêles conseguiram juntar fortuna, e sou-

A voz de Grace Moore valeu-lhe contratos fabulosos e, portanto, uma fortuna considerável.



beram administrá-la. Não fôsse isso e Al Jolson, ao ser surpreendido pela morte, quase vinte anos após seu apogeu, não teria legado à sua viúva 1.750.000 libras esterlinas, ou seja, aproximadamente Cr$ 297.500.000,00 pelo câmbio atual, a maior fortuna já deixada por um artista de cinema e teatro. Depois de gozar de uma popularidade sem precedentes como cantor, e de ter ganho milhões com suas atuações no teatro e com a venda de seus discos, Jolson foi promovido a «astro» cinematográfico pela Warner graças ao sucesso que alcançou com «O cantor de jazz». Essa nova atividade do famoso cantor aumentou ainda mais sua fabulosa renda.

Também Douglas Fairbanks era financista. Quando faleceu, aos 56 anos de idade, deixou um legado que montava a mais de 580.000 libras esterlinas, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Wallace Beery e Frank Morgan seguiram de perto o velho Douglas. William S. Hart, o primeiro grande «cow-boy» do cinema, cujo nome já é um mito, apesar de estar há longos anos afastado da tela, conseguiu conservar boa parte da fortuna que acumulara quando o cinema dava os primeiros passos, ao tempo em que, com Thomas Ince, revivia na tela as epopéias do oeste.

Ernst Lubitsch, W. C. Fields, George Arliss, Grace Moore, Thomas Meighan são outros que desmentem a fama de perdulários, geralmente atribuída aos artistas.

«Na nossa profissão, os loucos fazem falta», diz Arletty. Loucos como Jules Berry e Robert Le Vigan, que dissipavam tudo o que recebiam. Berry fazia ginásticas incríveis para não pagar os impostos; pouquíssimos amigos sabiam o enderêço do ator, e êstes mesmos juravam não revelá-lo a ninguém, sob nenhuma hipótese. Entretanto, Jules Berry tinha uma fraqueza secreta pelas condecorações, ambicionando a Legião de Honra de todo o coração. Acabou queixando-se a um ministro, seu conhecido, de que todo o mundo era condecorado, menos êle. O ministro prometeu ocupar-se do caso, e, poucos dias depois, mandou à casa do ator um formulário para ser por êle assinado, requerendo a famosa condecoração. Mas a mãe de Berry devolveu o requerimento, pois havia recebido ordens estritas de não aceitar nenhum papel de aspecto oficial. E foi assim que Jules Berry faleceu sem receber a Legião de Honra. E na mais extrema pobreza, sòzinho em um hospital.

A meio caminho de Jules Berry e Al Jolson, colocam-se Leslie Howard; a grande trágica do silencioso, Marie Dressler; Lionel Atwill e Will Fyffe, famoso comediante escocês. Dame Mac Whitty, cuja venerando presença era imprescindível nos filmes americanos passados em ambientes aristocráticos inglêses, deixou pouco mais de 26.500 libras.

Também o legado de Conrad Veidt foi bastante modesto, nada proporcional ao seu extraordinário talento ou aos seus longos anos de atividade teatral e cinematográfica. Sara Allgood, David Wark Griffith, o homem que impôs ao mundo o cinema americano, deixaram 18.000 libras e 12.500 libras, respectivamente. Os atores cujo testamento é de menor montante são John Barrymore, que levou uma vida bastante agitada, Ernest Torrence, um grande ator do silencioso, e Sid Field, popular cômico britânico que o público carioca conhecerá pròximamente, em «Belezas em desfile».

Mas o pessoal de cinema não está tão mal assim. Oscar Wilde ao falecer, possuía apenas 100 libras, enquanto os editores enriqueciam com a venda de suas obras. Nijinsky, o prodigioso bailarino que levantou o entusiasmo do mundo inteiro, cujo nome ficou na história do «ballet» como um fenômeno inexplicável, morreu esquecido, deixando à espôsa um legado de 30 libras. E Ziegfeld, o empresário que representava um poder respeitável no mundo do teatro revista americano, ao morrer não possuia um tostão sequer, deixando ainda um déficit de nada menos de 1.000.000 de libras esterlinas. Quase o que representou o total do legado de Al Jolson. Eis, assim, as indiscrições dos balanços financeiros dos «astros» e «estrêlas».



Douglas Fairbanks, um dos milionários da tela, seguiu as pégadas do pai.

Leslie Howard ganhou e perdeu muito. O ator inglês era dado a gastos excessivos.





«Escravos do desejo», de John Cronwell, o maior desempenho de Bette Davis, ao lado do extraordinário Leslie Howard.

OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

1 9 3 5

Entre os sessenta melhores do ano, 41 eram americanos. A Alemanha continuava com a supremacia entre os demais países pois classificou 8. A França e a Inglaterra vinham em segundo, com 4 para cada um e a Tchecoslováquia, Itália e Portugal (o muito bom «Pupilas do Senhor Reitor») com apenas um cada. Continuava altamente promissor o nível artístico, conforme veremos com o repassar de imortais filmes.

1º — «O DELATOR» (The Informer, RKO), de John Ford, com Victor Mac Laglen, no seu maior trabalho no cinema, Hearthel Angel e Margot Grahme. Um excepcional relato em imagens da angústia de um drama de consciência. Alto sentido psicológico que se uniu a soberbo impacto de cinema.

2º — «ESCRAVOS DO DESEJO» (Of Human Bondage, RKO). Do livro de Somerset Maughan, que tão intimamente estudou almas humanas, recalcadas e imperfeitas, surgiu uma extraordinária obra de cinema. O maior desempenho da carreira de Bette Davis e um dos destacados do saudoso Leslie Howard. Frances Dee e Reginald Denny figuravam bem. O mesmo tema foi refilmado pela Warner e o resultado ficou muito aquém da original versão, dirigida por John Cronwell.

3º — «OS CEM DIAS» (Alemanha), de Franz Wenslier, com Werner Krauss, em magnífica caracterização do vulto de Napoleão, uma das melhores que o cinema apresentou. Foi, também, um dos mais sinceros e honestos filmes em tôrno da verdade histórica do «Corso».

4º — «A VIÚVA ALEGRE» («The Merry Window», Metro) Ernest Lubitsch em um dos seus excepcionais trabalhos. Maurice Chevalier, Jeanette Mac Donald e Edward Everett Horton em composições plenas de finura e sub-entendimento. Embora realizado há cêrca de 20 anos, foi incomparàvelmente superior à moderna versão da Metro, tão mal desempenhada por Lana Turner e Fernando Lamas.

5º — «GÓLGOTA» (França), de Julien Duvivier, com Harry Baur e Robert Le Vigan. Assim como «O rei dos reis» foi a máxima obra dos filmes sacros, no cinema silencioso, êste imponente filme de Duvivier foi o melhor entre os que abordaram o gênero, no cinema falado.



«A valsa do adeus» (Alemanha), de Von Bolvary, com Wolfgang Liebenauer (Chopin) e Sibille Schmitez (George Sand).

«Imitação da vida», de John M. Stahl (Universal), com Claudette Colbert e Rochelle Hudson.



«A viúva alegre», o grande filme de Lubitsch para a Metro, com Maurice Chevallier e Jeanette Mac Donald.



6º — «ÊXTASE» (Tchecoslováquia), de Gustav Machaty, com Hedy Lamarr, André Nox e Pierre Roger. Famoso e ousado estudo de problemas do sexo, orientado no sentido da descrição pela imagem pura, em rumo simbólico. Fêz grande sucesso tanto na época quanto nas suas várias «reprises»; 7º — «NOITE NUPCIAL» (United), de King Vidor, em um dos seus grandes triunfos. A história, que se desenrolava no campo, mostrava o amor de dois jovens simples (Gary Cooper e Ann Sten), obstado pelas convenções. O pai da moça força o casamento com outrem, um burguês e, em conseqüência, surge uma tragédia após o enlace. Inesquecível o epílogo, com o herói despedindo-se da sua apaixonada, que morre; 8º — «OS MISERÁVEIS» (França), de Raymond Bernard, a melhor versão que o cinema apresentou do grande livro de Victor Hugo e um dos mais geniais desempenhos de Harry Baur, ao lado de outros precisos trabalhos: Charles Vanel (Javert) e Floreille; 9º — «HOMENS DE AMANHÃ» (Columbia), de Frank Borzage, um poema em imagens, desenrolado em meio de uma coletividade de garôtos, com George Breakstone, Lois Wilson e Frank Darro; 10º — «DAVID COPPERFIELD» (Metro), de George Zuckor, com Fred Bartholomew, W. C. Fields, Frank Lawton. Uma transposição do livro de Dickens que honrou à sua memória.

Em sentido ainda mais crescente do que os anteriores, o ano de 1935 foi memorável para os cultores de grandes filmes. Um alto nível artístico prosseguiu em meio da numerosa seleção: «ANJO DAS TREVAS» (Metro), de Sidney Franklin, com Fredric March, Merle Oberon e Herbert Marshall. Refilmagem de célebre filme do cinema silencioso, com Ronald Colman e Vilma Banky. As opiniões são unânimes em tôrno da maior superioridade para a versão falada, um comovente e poético filme; «O HOMEM QUE SABIA DEMAIS» (Inglaterra), de Alfred Hitchcock, com Peter Lorre, Leslie Banks e Edna Best. Entre os maiores filmes do cineasta britânico. Roteiro de rara inteligência e crescente «suspense» até um desfecho como poucas vêzes se obteve neste gênero; «ÓLEO PARA AS LÂMPADAS DA CHINA» (Warner), o mais humano dos filmes dirigidos pelo veterano Melvin Le Roy, com Pat O'Brien e Josephine Hutchinson; «JOANA D'ARC» (Alemanha), de Gustav Ucichy, com Angella Salloker e Gustav Grundgeans. Um tratamento pleno de dignidade ao histórico tema; «IMITAÇÃO DA VIDA» (Universal), de John M. Stahl, com Claudette Colbert, Rochelle Hudson e Warren William. Um ângulo da questão racial, analisando com humanidade. Ficou famoso o epílogo, por ser muito comovente; «CRIME SEM PAIXÃO» (Paramount), da dupla Ben Hetch-Charles Mac Arthur, com a extraordinária Margo e Claude Rains. Embora a origem teatral, foi algo de absorvente; «A FAMÍLIA BARRETT» (Metro), de Sidney Franklin, com Charles Laughton, Fredric March e Norma Shearer. Outra grande peça de teatro que impressionou em imagens; «CONQUISTA DE UM IMPÉRIO» (Fox), de Boleslavsky, com Ronald Colman e Loretta Young, com muito apoio psicológico; «A VALSA DO ADEUS» (Alemanha), de Geza Von Bolvary, com Wolfgang Liebenauer, evocando Chopin e Sibille Schmitz na parte de George Sand; «A BATALHA» (França), de Nikolas Farkas, com Charles Boyer e Annabella. Refilmagem de um êxito de Sessue Hayskawa, no cinema silencioso; «VAMOS À AMÉRICA?» (Paramount), de Leo Mac Carey, uma magistral comédia, com Charles Laugthon, Zazu Pits e Charles Ruggles; «LANCEIROS DA ÍNDIA» (Paramount), com Gary Cooper, Franchot Tone e Sir Guy Standing.



«O Delator», uma obra prima de John Ford (RKO), com Victor Mac Laglen e Margot Grahme.



«Golgota» (França), de Julien Duvivier, com Harry Baur e Robert Le Vigan.

«Lanceiros da Índia», de Sir Guy Standing (Paramount), com Gary Cooper no protagonista central.



«A família Barrett», de Sidney Franklin (Metro), com Charles Laughton, Fredric March e Norma Shearer.





«Os 39 degraus» (Inglaterra), uma das máximas obras de Alfred Hitchock, com Robert Donat e Madeleine Carrol.



«O Galante Mr. Deeds» (Columbia), de Frank Cappra, com Gary Cooper e Jean Arthur.



«Anna Karenina» (Metro), com Greta Garbo e Fredric March.

«Sonho de uma noite de verão» (Warner), de Max Reinhardt, com Olivia de Havilland, Victor Jory e James Cagney.



OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS
(continuação)

O sentido heróico e aventureiro muito bem narrado por Henry Hathaway; «PATRULHA PERDIDA» (RKO), de John Ford, brilhando em filme do mesmo gênero do que o anterior, com Victor Mac Laglen e Boris Karloff; «SEQUOIA» (Metro). Um poético filme que descrevia a amizade entre dois animais. No material humano, Jean Parker era a protagonista central; «MULHER SATANICA» (Paramount) de Von Sternberg, com Marlene Dietrich e Lionel Atwill; «NOITES MOSCOVITAS» (França), com Harry Baur, Anabella e Pierre Richard; «O DUQUE DE FERRO» (Inglaterra), de Victor Saville, em excelente reconstituição histórica, com George Arliss no papel central; «O VÉU PINTADO» «Metro», de W. S. Van Dyke, com Greta Garbo Herbert Marshall e George Brent; «G-MEN CONTRA O IMPÉRIO DO CRIME» (Warner), com James Cagney, Robert Armstrong e Ann Dvorak . Êstes foram os principais do ano. Porém, muitos outros de valor ainda poderiam alongar a resenha de 1935 que, ao lado de 1936, foram dos mais ricos em grandes filmes.

1 9 3 6

Perante o contrôle internacional, entre a rigorosa seleção dos 60 melhores do ano, os Estados Unidos continuavam com a habitual percentagem favorável, classificando 40. Entretanto, entre os demais países, a Alemanha perdia o segundo pôsto que, há anos mantinha, passando o bastão para a Grã Bretanha, com 8 selecionados. Seguiam-se a Alemanha, com 6; a França, com 5; e a Itália com um. E continuava também soberbo o índice de qualidade geral.

1º — «A HISTÓRIA DE LOUIS PASTEUR» (The Story of Louis Pasteur, Warner), de William Dieterle, no maior trabalho da longa carreira e uma legítima obra-prima. A nobreza do assunto se aliou à direção profundamente humana. Conteúdo e forma em uma das mais belas conjunções da história do cinema. Paul Muni na figura de Pasteur logrou o mais digno dos seus desempenhos. A sutil Josephine Hutchinson, Fritz Leiber, Donald Woods e outros completaram o elenco dêste antológico filme.

2º — «SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO» (A Midsummer Night's Dream, Warner), novamente de William Dieterle, no «climax» da sua carreira. A imortal comédia de Shakespeare foi transposta com tais cuidados que significou um marco, de características diferentes, para o filme artístico. Foi um dos primeiros grandes filmes em que o «ballet» clássico foi dignamente apresentado. E mostrou a maior bailarina daquela época, a extraordinária Nini Thelaide. O fotógrafo Hal Mohr obteve o ponto culminante da sua arte. Olivia de Havilland, Victor Jory, James Cagney, Mickey Rooney foram as figuras centrais.

3º — «FÚRIA» (Fury, Metro). O problema do linchamento, dos delírios selvagens coletivos, fixado em admirável poder de cinema, através da direção de Fritz Lang. Grande filme e inesquecível «climax». Surpreendeu Spencer Tracy, em incomum desempenho. Sylvia Sidney foi a grande atriz de sempre.

«Fantasma camarada» (Inglaterra), do genial René Clair, com Robert Donat e Jean Arthur.





«Mazurca» (Alemanha) com a magistral Pola Negri.



«A história de Louis Pasteur» (Warner), o melhor filme exibido em 1936 e dos melhores do cinema falado, em magistral desempenho de Paul Muni.

4º — «MAZURKA» (Mazurka, Alemanha), de Willy Forst, o cineasta de «Mascarada», em outro magistral trabalho. Apesar de a história ser antiquada, roteiro e direção se reuniram em alta linguagem de cinema puro. Pola Negri, em excepcional atuação, ao lado de valores como Ingeborg Theek e Albrecht Schoenhals.

5º — «FANTASMA CAMARADA» (Inglaterra), de René Clair, uma obra-prima em matéria de comédia satírica. O espírito britânico lança a sua irreverência sôbre costumes americanos, em filme de sabor deliciosiíssimo. Robert Donat e Jean Parker nos dois principais papéis.

6º — «FÚRIAS DO CORAÇÃO» (Ah, Wilderness!, Metro) — Uma magnífica peça de Eugene O'Neill que passou à tela com raríssimo poder humano e psicológico. Foi, talvez, o mais belo dos filmes da carreira de Clarence Brown. Eric Linden, Lionel Barrymore, Bonita Granville, Wallace Beery, Spring Baygton foram marcantes figuras desta jóia de cinema.

7º — «OS 39 DEGRAUS» (Inglaterra), de Alfred Hitchock, em um dos seus vibrantes filmes. Excelentes desempenhos de Robert Donat e Madeleine Carrol; 8º — «ANJO DE PIĘDADE» (Warner), outro humaníssimo trabalho de William Dieterle, biografando a heróica enfermeira Florence Nightingale. Impressionante o desempenho de Kay Francis ao lado de Donald Woods;

9º — «O GALANTE MR. DEEDS» (Columbia), um dos esplêndidos filmes do tão irônico quanto real Frank Cappra. Gary Cooper extraordinário, bem secundado por Jean Arthur; 10º — «RAINHA POR NOVE DIAS» (Inglaterra), de Robert Stevenson. No gênero de filme histórico, foi uma pequena obra-prima. Nova Pilbean, a garôta de «O homem que sabia demais», Felix Aylmer, Sir Cedric Hardwick e outros.

Selecionados os dez melhores do ano, ainda prevalece uma alta categoria artística por entre outras grandes películas do mesmo ano:

(Continua no próximo número)



«Mayerling» (França), de Anatole Litwak, com Charles Boyer e Danielle Darrieux.

«O granre motim», de Frank Lloyd, com Charles Laughton e Clark Gable.





«Êxtase» (Tchecoslováquia), de Gustav Machaty, com Heddy Lamar exibindo um nu sem malícias...

«Fúria» (Metro), de Fritz Lang, com Spencer Tracy e Sylvia Sidney.



OS GRANDES VULTOS DA ATUALIDADE E DO PASSADO : V

BETTE DAVIS



L. **BOLTSHALSER**, especial para A



Em «Uma vida roubada», com Gleen Ford.

NUMA usina onde os filmes são fabricados em série — Hollywood —, o talento de uma atriz como Bette Davis — ainda que possa parecer paradoxal — só pode servir-lhe de estôrvo. Quando uma atriz é sagrada «estrêla», os produtores acreditam que o seu nome no cartaz basta como chamariz. Negligenciam então a historia de seus filmes e entregam a direção a indivíduos desprovidos de talento.

Bette Davis não constitui uma exceção. A fim de oferecer-lhe a oportunidade de dar vazão aos seus extraordinários recursos de intérprete, escrevem cenas de encomenda para ela, carregando o drama de tal modo que, não fôsse a inteligência e a finura da grande trágica, tudo cairia num impossível ridículo. O talento de Bette Davis é assim explorado como seriam as possibilidades de um operário que tivesse sete braços.

Bette nasceu em Lowell, Massachussetts, na terra das grandes planícies e do céu cinzento, a 5 de abril de 1908. Descendente dos emigrantes inglêses que se estabeleceram na costa atlântica da América do Norte, herdou dos pioneiros a fibra inquebrantável que levá-la-ia a

Em «Horas de tormenta», em uma das melhores seqüências





Em «Vitória amarga», um inesquecível trabalho. Ao lado da Mildred de «Escravos do desejo», forma a dupla máxima de atuações de Bette.

triunfar de todos os impecilhos colocados entre ela e a tão ambicionada glória.

Aos dezesseis anos determinou tornar-se atriz. Tentou obter um lugar numa companhia teatral que atuava em Dennis, mas não conseguiu. Empregou-se então como indicadora de lugares num teatro, fazendo então o verdadeiro aprendizado de sua profissão. Fracassou também num teste cinematográfico com George Cukor, mas não desanimou. Estava firmemente decidida a triunfar, e, depois de muitas desilusões obteve um contrato com a Universal.

Quando Bette chegou a Hollywood estava tão modestamente vestida que não foi reconhecida por um magnata do estúdio que tinha ido dar-lhe as boas-vindas na estação. Além da sua pobreza, seu estilo de representar custou a impor-se. Diferente das outras atrizes cinematográficas Bette trazia às suas interpretações uma contribuição humana a princípio incompreendida.

Pouco depois de sua chegada a Hollywood, Bette Davis desposou um amigo de infância, Harmon Jones, em 1932. Êle era um músico desconhecido e, quando «Escravos do desejo» fêz dela uma «estrêla» o desequilíbrio das carreiras dos dois determinou freqüentes disputas que foram se acentuando, e culminaram com o divórcio em 1938. Seu segundo marido, Arthur Fansworth, um fazendeiro do Arizona, teve morte misteriosa em conseqüência de uma queda, não ficando positivado se foi assassínio ou acidente.

Em 1945 Bette Davis casou-se pela terceira vez, com William Grant Sherry. Também Sherry não ganhava com suas telas o bastante para sustentar a atriz. O resultado é que Bette era quem mantinha a casa, e o marido fazia os serviços caseiros, inclusive a cozinha. Dêsse matrimônio nasceu-lhe uma filha, Barbara, o que não impediu um novo divórcio.

O atual marido de Bette Davis é Gary Merrill, emérito ator teatral, que ela conheceu durante as filmagens de «Malvada». Os dois se apaixonaram à primeira vista, e atualmente vivem em Cape Elizabeth, afastados de tudo, com a filha do terceiro casamento de Bette e os filhos adotivos do casal.

A carreira de Bette Davis é prodigiosa. Capaz de triunfar em qualquer gênero, já atuou em dramas, comédias, e até em um musical. Mas é no drama que ela se encontra, que nos emociona com a sua vibratilidade incomparável. Seu primeiro grande êxito foi em «Escravos do desejo», onde ela pôs a nu a alma da repulsiva Mildred.

Êste desempenho tornou-a uma «vedette». O «slogan» da propaganda anunciava Bette Davis como «a mais democrática das atrizes» do mesmo modo que propalava a «prodigiosa coleção de cílios postiços» de Marlene Dietrich. Procuravam colocar em seus filmes efeitos espetaculares, para emocionar o público à fôrça. Mas Bette triunfava nesse mau gôsto, com interpretações sempre mais perfeitas.

Ela foi incomparável, transbordando o seu ódio em «Barreiras intransponíveis», ao lado de Paul Muni; ou com sua frieza calculista em «Dangerous», que lhe valeu o Oscar de 1935. O seu máximo e genial desempenho foi a Mildred do livro de Somerset Maugham (Off Human Bondage), exibido entre nós em 1935; «Escravos do desejo» rememorado, aliás, hoje, em «Os maiores filmes de todos os tempos». Outro «climax» foi em «Vitória amarga», em que personificava a criatura vítima de câncer (1937). Inesquecível, também, em «A floresta petrificada», «Golden Arrow», «That certain woman», «Tudo isto e o céu também». Veio depois a moda dos filmes históricos . . . Enquanto a Metro transformava Garbo na «Rainha Cristina», Bette Davis viveu a rainha Elizabeth em «A vida privada de Elizabeth da Inglaterra». Foi também a imperatriz Carlota, do México, em «Juarez».

Em 1938 conquistou novamente o Oscar por seu trabalho em «Jezebel», onde atuou sob a direção de William Wyler. Desta feita, vivendo um papel à altura de seu talento e hàbilmente dirigida por Wyler, Bette Davis logrou grande intensidade na sua interpretação da mulher perversa. O admirável «A carta» repetiu o êxito da equipe Wyler-Davis.

Sucedendo aos filmes históricos, veio a tendência das «duplas ideais». Bette Davis formou com George Brent uma destas duplas, obtendo sucesso em alguns filmes, notadamente em «The great lie», sob a direção de Edmund Goulding.

Daí para cá, Bette tem sido a mulher sofredora. Em «Estranha passageira» sacrifica seu amor; em «Vaidosa», depois de muitas decepções volta aos braços do marido que tinha desprezado, em «Uma velha amizade» desilude-se amando um homem mais moço. É infeliz novamente em «Malvada», «Telefonema de um estranho», e «Lágrimas amargas».

Cansada dos papéis repetidos que Hollywood vinha lhe confiando ùltimamente, Bette arrumou as malas e transferiu-se para New York atuando temporàriamente na ribalta. Mas desiludiu-se também com o teatro, retirando-se para sua residência de Cape Elizabeth, com o marido e os filhos. Entretanto, Bette Davis não pode ficar inativa por muito tempo; o micróbio do cinema já está se manifestando, e Bette promete voltar, muito breve.

Com Claude Rains em «Que o céu a condene».



O FESTIVAL DE CANNES

Uma linda foto do filme que acaba de obter o prêmio máximo em Cannes! Trata-se de «A porta do inferno», considerado uma obra-prima e dos maiores dos últimos tempos. «Imagens escritas em sêda japonêsa» (vide texto).

Depois do Festival de São Paulo e do Festival de Mar Del Plata aconteceu, desde os últimos dias de Março, o Festival de Cannes. Não há dúvida de que êste acontecimento reveste-se de maior importância dos que o precederam pela simples razão: distribuiu prêmios. Além disso concorrem países que almejam a produção cinematográfica e o lançamento de seus produtos no mercado internacional de consumo. Assim a Grécia, o Egito e mesmo a Rússia, afastada dêsse gênero de manifestações durante dois anos, reapareceram e prestigiaram o acontecimento que, ao contrário do que desejava e sonhava André Bazin, não foi um Festival do tridimensional. Isto não impediu que se constatassem películas de grande valor humano o que reflete uma busca, nestes anos angustiosos que atravessamos, da conciliação dos povos e da harmonia e justiça social.

O ACONTECIMENTO SOCIAL

A praia de Croisette, a maravilha tropical francesa encheu-se de beldades como de costume. Multidões afluiram à orla marítima para ver as "estrêlas" e seus magníficos físicos mas, infelizmente, houve poucas "estrêlas". Poder-se-ia, isto sim, vermos o professor André Cretien queimando sua pele enrugada nos trabalhos de laboratório...

OS FILMES VENCEDORES

Não se poderia fazer restrições justas à decisão da comissão julgadora do Festival que atribuiu o primeiro Grande Prêmio ao filme japonês "A Porta do Inferno".

Vejamos um precioso julgamento:

"A história é escrita em sêda japonêsa dos velhos tempos. O colorido, aqui, marcando valores da matéria e tonalidades de luz, dá-nos quase o "frufru" dos tecidos. As imagens nipônicas de há oito séculos sucedem-se em um desfilar de deslumbramento constante. Os cinefilos japonêses são, como se sabe, mestres na composição dos quadros. Na fita, chegam à auto-superação! O ritmo não é lento, como pode parecer a olhos extra-ocidentais. O ritmo é a presença majestática de uma hierarquia de deuses ou reis orientais de velhas eras. Como interpretação não há em Kesa (Kyô Machi-Ko) ou em Moritô (Hasegawa Kazuo) uma só fala, uma só expressão ou um só gesto que quebrem a harmonia do ritmo. Todo um rio de sêdas belas iluminadas pela luz da poesia correndo para os céus. Os japonêses chegaram êste ano em Cannes a um nível de elevação estética e plástica jamais batido na arte de fazer cinema. Se não fôsse infinita a fé que nós temos nos homens, caberia aqui esta "boutade": não se pode fazer mais! Mas o mundo, felizmente, ainda não acabou!"

(Transcrito de "O Estado de São Paulo").

Além dêstes surpreenderem pelo significado da mensagem que comportam americano "From Here To Eternity" de Fred Zinneman com Burt Lancaster, Montgomery Clift, Frank Sinatra e Danna Reed. Êste filme foi consagrado nos Estados Unidos com 8 Oscares recorde significativo. "A Última Ponte" da Áustria, um filme que ressuscita acontecimentos da última guerra em que o heroismo de uma enfermeira não mede os palmos de um campo de batalha recebeu do público presente ao Palácio do Festival, verdadeira consagração. A Itália apresentou

(Cont. na pág. 34)

«A um passo da eternidade», da Columbia, filme que, aliás, A CENA já publicou na «Novela das Imagens», foi classificado «hors concoours».



QUAL O FILME QUE DESEJARIA REVER?

"A CENA" LANÇA MAIS UM SENSACIONAL INQUÉRITO — LEMBRANDO O GRANDE SUCESSO ALCANÇADO COM O PRIMEIRO CONCURSO EFETUADO, NO GÊNERO, NO PAÍS — O REGULAMENTO E UMA OUTRA INTERROGAÇÃO: "QUAL O MELHOR FILME A QUE ASSISTIU?" — CONSEQUÊNCIAS DA PRIMEIRA "ENQUETTE".

ESTÁ alcançando extraordinário êxito a "enquette" do "Julgamento dos leitores". A fim de permitir que cheguem opiniões dos mais distantes locais do país, o prazo para o recebimento dos "coupons" será estendido até ao final do mês de maio. Entretanto, as primeiras consequências de uma série de sugestões, solicitadas em grande número, já se estão fazendo sentir. Assim está, por exemplo, a ampliação da página de abertura (Pré-Estréias) e o novo concurso que hoje iniciamos. E muitas outras virão, estando também, desde já, resolvido, tal o volume de pedidos, e para muito breve, uma ampliação da seção "De Todo o Mundo".

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

Em 1947, o extinto matutino "A Manhã", cujas seções de cinema e teatro eram dirigidas pela atual orientação de A CENA, lançou o primeiro concurso efetuado neste gênero no Brasil. Agora, os leitores, que já acompanharam a direção desta revista em outras publicações (inclusive em "A Noite), solicitaram e vão ser atendidos para um concurso de "reprises". Vale a pena lembrar que dos 20 filmes primeiros votados no plebiscito de "A Manhã", 18 vieram a ser reapresentados pelas respectivas agências de filmes! Conforme todos sabem, anualmente, todos os estúdios editam um vultoso número de sucessos do passado. Em se tratando de solicitações que, graças à atual aceitação de A CENA, virão de todo o país, pois esta revista está sendo lida em tôda parte, maiores motivos terão, agora, a fim de redistribuir os mais votados. Entretanto, os leitores deverão seguir as instruções que se seguem.

(Cont. na pág. 33)

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

1...

2...

3...

4...

5...

QUAL O MELHOR FILME A QUE ASSISTIU, EM QUALQUER FASE DO CINEMA?

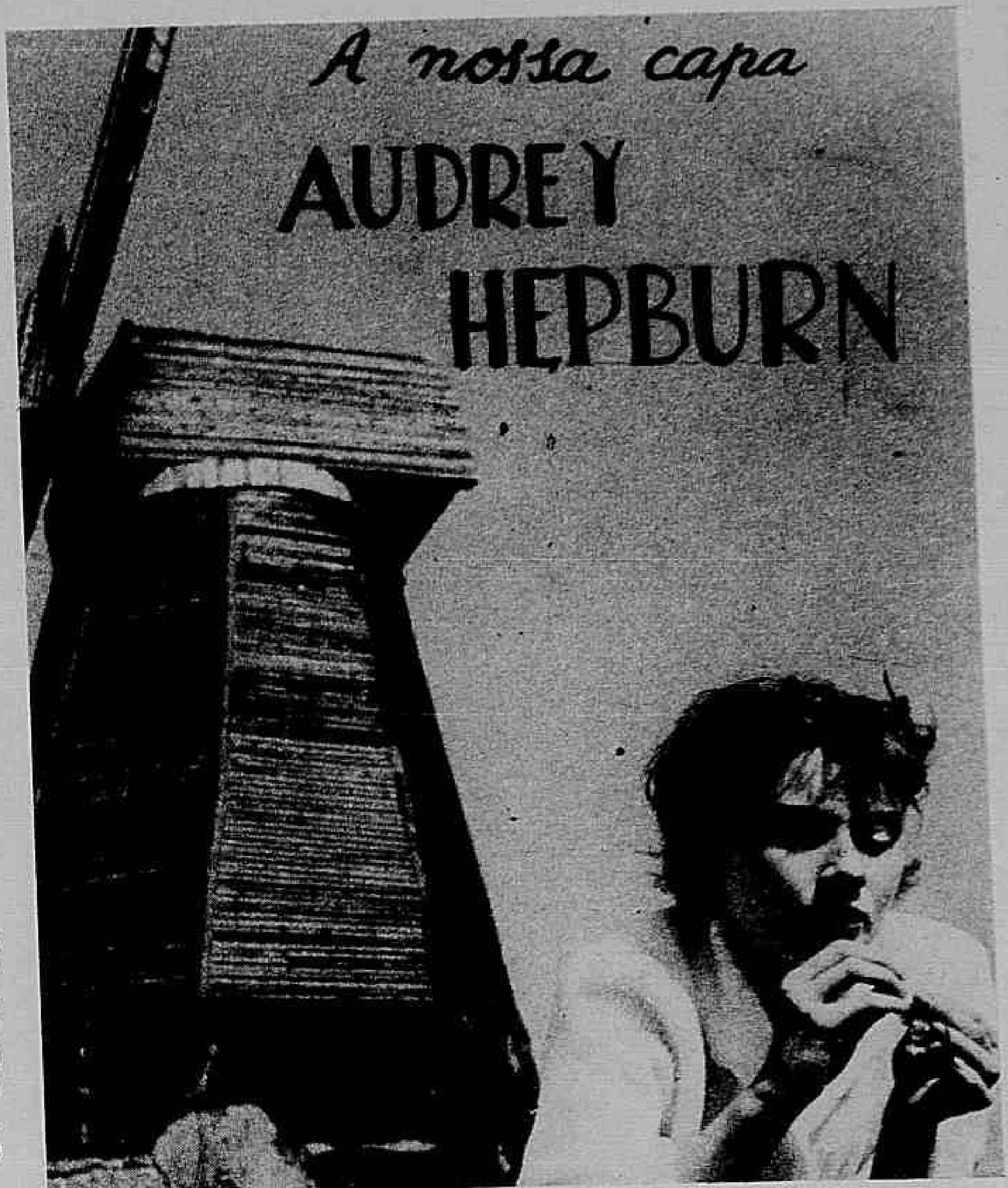
....

FACULTATIVO:

NOME (ou pseudônimo)..........................

ENDERÊÇO.....................................

CIDADE E ESTADO..............................



MUITO antes de ter sido premiada com o máximo «Oscar» de 1953, Audrey já havia merecido de A CENA uma grande reportagem, publicada, aliás, no n. 3. Contudo, por se tratar de uma grande «descoberta» trazemos, hoje, outras facêtas da sua existência.

A vida de Audrey Hepburn não é igual a de tantas outras «estrêlas». Sofreu muito e viu os horrores da guerra. Estava na Bélgica quando as tropas nazistas ocuparam o pequeno país. Com seus pais, refugiou-se na Inglaterra. Sofreu os bombardeios das bombas «V-2», fome e frio! Não nos esqueçamos da intensa época de privações que passou aquêle país. Apesar disto, Audrey não descuidou-se de sua educaçao. Estudou «ballet» e integrou vários «shows» e espetáculos, alguns dêles em benefício de instituições públicas. Tinha ela, nesta época, cêrca de quinze anos. Aprimorando sempre seus estudos e apurando a sensibilidade, Audrey em breve deixou os espetáculos de variedades, pois os estúdios e diretores inglêses começaram a vislumbrar talento e beleza como ideais para o cinema. Hollywood e seus descobridores famosos já seguiam a trilha da «estrêla» e seus passos e progressos não eram desdenhados. Primeiramente fêz um papel secundário em «Langhter Paradise», seguindo-se outros pequenos papéis em «O Segrêdo da Tôrre» («The Lavender Hill Mob») e «Young Wive's Tale». Conquistou o estrelato quando atuou em «The Secret People», e daí em diante até «A Princesa e o Plebeu», por cujo desempenho recebeu um «Oscar». A vida de Audrey Hepburn tem sido uma sucessão de vitorias. Atriz de teatro, atua presentemente na Broadway, ao lado de Mel Ferrer, numa peça de Giraudou e recebe aplausos e a consagração da crítica, que a elegeu a melhor intérprete do cinema americano no ano de 1953.

Apesar do nome, Audrey não tem nenhum parentesco com Katherinne. Conta-se que quando os produtores americanos sugeriram-lhe a mudança do nome ela recusou-se terminantemente. Hoje, no cinema americano, as duas Hepburns desfrutam de fama e popularidade sem que o nome interviesse para aumentar o prestígio da segunda.

NÃO É PROIBIDO CASAR!

De H. ANDERSEN, exclusivo para A CENA

«A Noiva do Mundo», «Filhinha do Papai», não conseguiu ser a espôsa ideal. Divorciou-se pouco tempo depois de casada.

UM dos acontecimentos mais explorados pela publicidade na terra do cinema é, sem dúvida, os romances, casamentos e divórcios de seus "astros" e "estrêlas". Alguns casam e descasam com a maior facilidade, como se tivessem tomando o "breakfast". A francesa Martel, vencedora de um concurso de beleza, conseguiu ràpidamente um contrato na terra do cinema e mais ràpidamente um milionário para marido. Decorreram apenas três meses e eis que a "estrêla" (ainda não conhecida dos fãs brasileiros), se movimenta para conseguir também ràpidamente o divórcio. Em compensação, a bela e talentosa Virginia Mayo há muitos anos atrás casou-se com o feio Michael O'Shea e conserva ainda a felicidade conjugal, aumentada, agora, com o nascimento de um esperado "baby". Também a irrequieta Lucille Ball, atração atual da TV americana, continua sempre feliz com o cantor Desi Arnaz. Já Gary Cooper, depois de anos e mais anos de casado, quando as rugas tomam conta de seu rosto, outrora tão atraente, resolveu se dedicar a conquistas amorosas. Elizabeth Taylor, a menina-problema, que muito trabalho deu aos seus pais, casou-se com um milionário que não soube conquistá-la. Muitos jovens inexperientes não conseguiram conservar uma afeição mais estável. Mas a menina encontrou o madurão Michael Wilding que, com maior experiência da vida, conseguiu transformar a mimada Elizabeth numa excelente companheira e mãe que, além disso, é uma das mais belas e mais jovens espôsas de Hollywood. Já a feia Leslie Caron, cujo talento e sensibilidade foram revelados em "Lili", não teve êxito na sua primeira experiência conjugal e se vai divorciar do seu milionário e simpático marido. Agora, promete dedicar-se doravante sòmente ao "ballet". Susan Hayward, muito bonita e uma das melhores atrizes americanas do cinema, depois de alguns anos de casamento feliz, pede divórcio. Acontece que o espadaúdo Jeff Chandler vivia muito bem com a sua bela espôsa, mas acabaram brigando para sempre e para consôlo começou a encontrar-



Os filhos são sempre os maiores prejudicados com a inconsciência matrimonial de algumas «estrêlas». Na foto Lana Turner e sua filha Christine.

se com a atraente Susan Hayward, que foi sua amiga de infância. As reminiscências do passado parecem uni-los pouco a pouco e, quem sabe, encontrarão por fim o procurado afeto imorredouro.

Shelley Winters conseguiu com seu talento se impor e tornar-se uma das mais disputadas atrizes do cinema americano. Quando alcançou notoriedade apaixonoú-se pelo italiano Vittorio Gassman, que fôra até Hollywood. Casaram-se, mas logo as rusgas começaram a impedir o crescimento de um verdadeiro afeto. Gassman manteve um romance sério com sua patrícia Ana Maria Ferrero. Shelley, que tanto prejudicara a sua carreira com êsse infeliz casamento, revoltou-se com esta situação e pediu divórcio.

Corinne Calvet divorcia-se entre lágrimas, mas diz que não poderá continuar casada com um homem que não quer filhos!

Anne Baxter quando vê por fim reconhecido o seu talento e tem oportunidade de demonstrá-lo, não mais encontra a felicidade ao lado de John Hodiak, e depois de muito "vai-não-vai" resolveu divorciar-se. Uma viagem a Paris para esquecer as mágoas, uma cabeleira pintada de louro, e já não se pensa mais em John.

Há também o caso de Ginger Rogers, que apesar dos anos continua elegante e em Paris encontra um belo e jovem francês. Casam-se e vão para Hollywood, onde encontra quem ofereça um contrato e muito dinheiro para



Virginia Mayo é constante em seus sentimentos. Casada há longos anos com Michael O'Shea, é felicíssima.



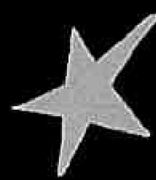
Lucille Ball continua feliz com o cantor Desi Arnaz.

seu marido, que transforma-se, então, em galã cinematográfico.

Shirley Temple, ex-menina-prodígio, casa-se com John Agar, e para êle consegue um lugar no cinema. Depois de anos verdadeiramente desastrosos para a jovem, quando tem que aturar um marido estróina, consegue um divórcio. Um novo romance e uma oportunidade de ser feliz surge para Shirley. Casa-se novamente e abandona o cinema.

Lana Turner teve várias experiências em diversos casamentos e atualmente seu marido é um dos representantes da beleza máscula em Hollywood: Lex Barker, que anteriormente fôra casado com a maravilhosa Arlene Dahl. Arlene, por sua vez, procura esquecer as mágoas amando novamente. Fernando Lamas é o escolhido, mas parece que êle queria apenas fazer "cartaz" com êsse romance incompreensível, acabou deixando Arlene a ver navios.

Assim, é o romance em Hollywood bem diferente dos que costumamos ver na tela... Apenas atesta o superficialismo da gente da terra, onde se cria um mundo de sonhos.

Libertad LAMARQUE  RUBEN ROJO

ALMA DELIA FUENTES

FANNY SCHILLER

DIREÇÃO: MIGUEL ZACARIAS

A LOUCA

"LA LOCA"

PEL MEX

PRODUCCIONES ZACARIAS S.A.

UM DOS MAIS BELOS FILMES DA

Seleção Oficial do 1° Festival Internacional de Cinema de São Paulo

O mais impressionante trabalho dramático de LIBERTAD LAMARQUE, destinado a um público selecionado pelo alto teor artístico de sua mensagem!



QUADRO de HONRA
MÊS DE MARÇO

«Nápoles Milionária», o primeiro do mês, é um filme italiano (Art-Films).

O I TRIMESTRE NO CINEMA BRASILEIRO

Ana Maria Ferrero, a melhor atriz do mês, pelo seu desempenho em «As Duas Verdades».



O 1º TRIMESTRE NO CINEMA BRASILEIRO

F I L M E S

1º — «NÁPOLES MILIONÁRIA» (Itália), 4 pontos — ótimo. Seguem-se: «GUERRA DOS MUNDOS» (Estados Unidos); «JÚLIO CÉSAR» «Estados Unidos); «PEQUENO MUNDO DE DOM CAMILO» (França); «OS ÚLTIMOS CINCO» (Estados Unidos); «AS DUAS VERDADES» (França).

A T O R E S

1º — John Gielgud («Júlio César»).
2º — James Mason («Júlio César»).
3º — Fernandel («O Pequeno Mundo de Dom Camilo»).
4º — Marlon Brando («Júlio César»).
5º — Eduardo de Filipo («Nápoles Milionária»).

A T R I Z E S

1º — Ana Maria Ferrero («As Duas Verdades»).
2º — Gina Lollobrigida («A Volta da Perdida»).
3º — Suzan Douglas («Os últimos cinco»).
4º — Ann Sheridan («Do Outro Lado da Rua»).

T É C N I C O S

Diretor: Eduardo de Filipo, em «Nápoles Milionária»; músico: Nino Rotta, em «Nápoles Milionária»; fotógrafo: Joseph Ruttenberg, em «Júlio César»; roteiro: T. Tellini, Eduardo de Filipo e Tejuri, em «Nápoles Milionária».

C I N E M A   B R A S I L E I R O

(NO «QUADRO DE HONRA», O CINEMA BRASILEIRO É JULGADO EM CADA TRIMESTRE)

F I L M E S

1º — «LUZ APAGADA» (Vera Cruz), 3 pontos — bom; 2º — Empatados: «RUA SEM SOL» e «O CANTO DO MAR», com 2½ pontos cada.

A T O R E S

1º — FERNANDO PEREIRA («Luz Apagada»); 2º — MARIO SERGIO («Luz Apagada»).

A T R I Z E S

1º — MARIA FERNANDA («Luz Apagada»); 2º — AURORA DUARTE («O Canto do Mar») e GLAUCE ROCHA («Rua Sem Sol»).

T É C N I C O S

Diretor: Carlos Thiré, em «Luz Apagada»; Música: Guerra Peixe, em «O Canto do Mar»; Fotografia: Cyril Arapoff, em «O Canto do Mar».

NOVELA das IMAGENS



«PRISIONEIRO DE ZENDA»

ELENCO:

Rodolfo de Rassedyll e Rei Rodolfo V	**Stewart Granger**
Princesa Flávia	**Deborah Kerr**
Cel. Zapt	**Louis Calhern**
Antonieta de Mauban	**Jane Greer**
O Curdeal	**Lewis Stone**
Miguel, Duque de Streslau ..	**Robert Douglas**
Ruperto de Hentzau ..	**James Mason**

FICHA TÉCNICA

Diretor: Richard Thorpe.
Produtor: Pandro S. Berman.
Argumento: John L. Balderston e Noel Langley.
Fotografia em «Technicolor»



Notou que outras pessoas o olhavam igualmente muito surprêsas, recebeu seus papéis, palavras amáveis de feliz estada e seguiu seu caminho.

— **Naturalmente são meus trajes que êles estranham** — pensou Rassendyll.

Profusamente distribuídos entre o arvoredo, havia grandes letreiros que diziam: «Província de Zenda — Terrenos de caça e pesca exclusivos de Sua Majestade».

Rodolfo não deu maior importância aos letreiros. Acomodou-se sob uma árvore, lançou a linha de pesca à água e adormeceu. Seu sono era tão profundo que não notou a aproximação de dois cavalheiros: o coronel Zapt e o capitão Fritz von Tarlenheim, ao Estado-Maior de Sua Majestade.

Assim que viram Rodolfo manifestaram grande surprêsa. Era incrível a semelhança dêste com o rei de Ruritânia. Despertaram Rodolfo. Os dois cavalheiros, cortêsmente, pediram-lhe que se apresentasse. Êste após dizer seu nome foi identificado como um auxiliar da Rainha de Inglaterra e um primo distante do rei de Ruritânia. Aproxima-se o rei e, também êste se surpreende com a semelhança. Convida-o a irem todos para o palácio e jantarem. O príncipe Rodolfo preparava-se para ser coroado durante o dia seguinte. Abusara do álcool e tornara-se prolixo, confessando aos convidados tôdas as suas preocupações e temores. Seu irmão Miguel desejava apropriar-se do trono

Durante o baile oficial, Rodolfo declarou seu amor a Flávia.

«No fim do século passado, quando a história tinha ainda páginas côr-de-rosa e a política era menos importante que a valsa, um grande escândalo da aristocracia real era sussurrado nas ante-salas da Europa.»

Rodolfo de Rassendyll, um turista inglês, chegou à estação ferroviária de Ruritânia e surpreendeu-se com a abundância de côr dos vestuários dos camponeses e cidadões do país. Dirigiu-se aos escritórios de imigrantes, a fim de legalizar seus papéis e intrigou-se com o olhar do agente, de surprêsa.

— Disse, por acaso, alguma impropriedade? — perguntou êle.



O duelo a espada decidirá a sorte do reino de Ruritânia.



A semelhança com o rei era verdadeiramente extraordinária. Zapt e Fritz estavam assombrados.

e êle estaria disposto a levar avante êste desejo, mesmo que isto custasse a vida do príncipe herdeiro. Os momentos passam-se até que Rodolfo V cai sôbre a mesa e adormece.

No dia seguinte, Rassendyll foi despertado por uma jarra de água fria vertida sôbre sua cabeça. Acordou sobressaltado. Zapt explicou-lhe, então, que o destino o havia pôsto em sua mão. O príncipe fôra narcotizado e estava impedido de comparecer à cerimônia de coroação. Se isto ocorresse o príncipe Miguel usurparia o trono.

— É preciso que êle não triunfe em seus maus desígnios. Vós tendes grande semelhança física com o rei. Com alguns retoques apenas poderieis substituí-lo.

Rassendyll acedeu, depois de muito relutar. Miguel, irmão do príncipe Rodolfo, reuniu seu estado-maior e leu a proclamação em que tecia considerações a respeito da falta do Rei à cerimônia de coroação, considerando tal fato desmoralizante para a nação e proclamando-se rei. Êle e seus asseclas rejubilavam-se com o plano que tinham levado a cabo.

Enquanto Rodolfo recebia instruções a respeito da cerimônia, no castelo de Miguel, em Streslau, cidade da coroação, uma formosa morena, Antonieta, apaixonada do irmão do rei, estava alarmada e pedia a êste que não fizesse aquela proclamação, que redundaria no fracasso de tôdas as suas aspirações matrimoniais. Miguel não a atende em suas súplicas. Esta toma conhecimento dos planos de Miguel através de Ruperto.

No interior da nave, Miguel e Ruperto exultavam com a aproximação da hora da cerimônia. Ambos estavam sentados, contavam com a ausência do rei. Nisto, lá fora, soam os clarins e as aclamações populares. Ficam estupefatos e não sabem como explicar tal acontecimento. Miguel ordena que Ruperto parta com destino a Zenda, imediatamente. A cerimônia tem seguimento. Rodolfo não deixa de notar a beleza fulgurante de Flávia, futura espôsa do rei. Os canhões e os sinos soam à coroação do rei. «Viva o rei!!!»

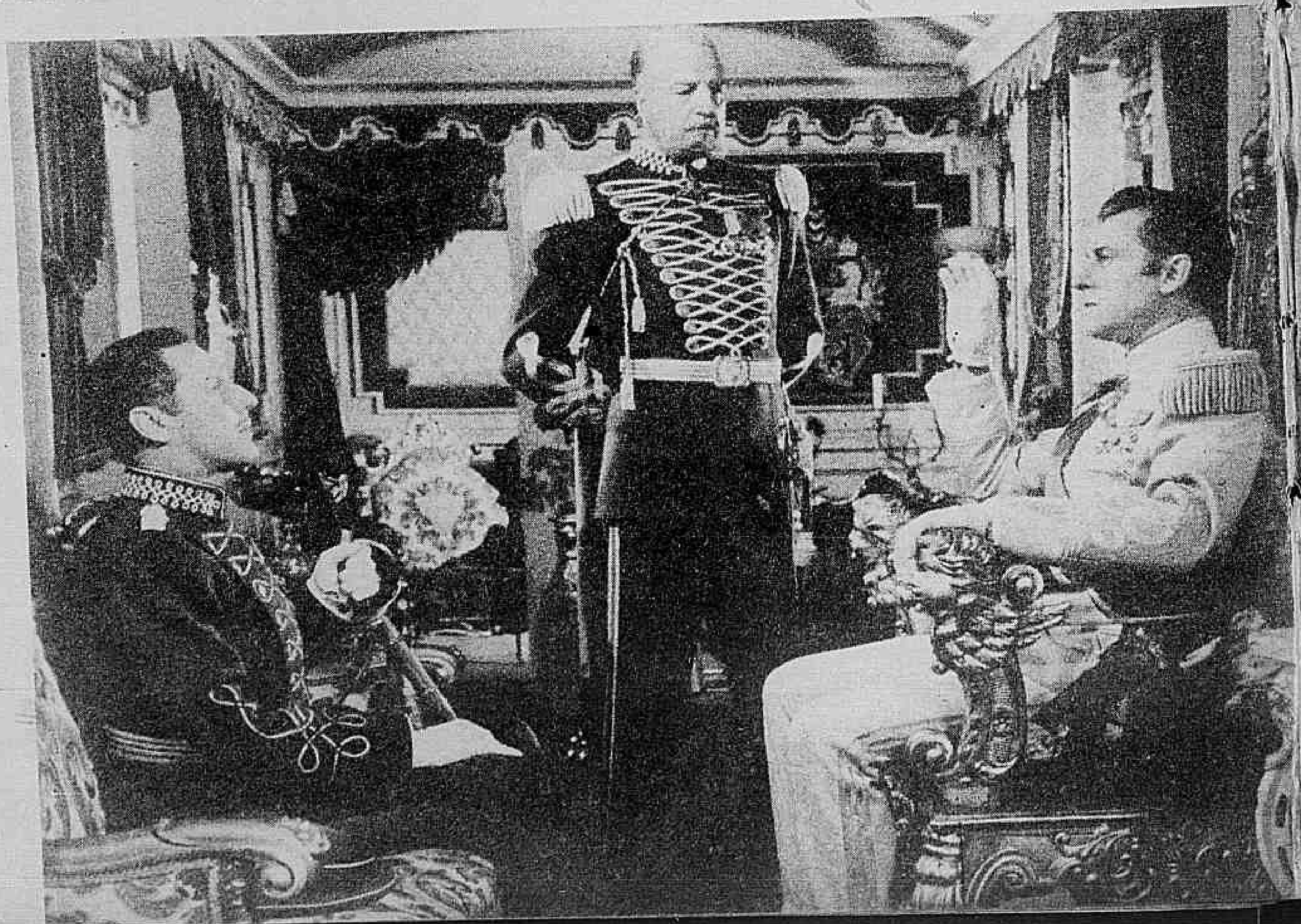
Durante a recepção, Rodolfo de Rassendyll tinha apenas olhos para Flávia. Declarou-lhe tôda a admiração que sentia por sua beleza e esta admirou-se da sensível mudança havida naquele que se destinava a ser seu espôso.

Rodolfo e Zapt dirigiram-se, em seguida, a cavalo, para a morada do rei. Lá chegando estranharam o fato do mordomo não estar em seu pôsto e a grande desordem que havia. Encaminharam-se ao quarto do rei. Êle não estava e havia sinais evidentes de briga. «Raptaram o rei» — concluíram. — «Provàvelmente já o assassinaram». A situação se complicava para Rodolfo Rassendyll. Zapt, que notara a saída de Ruperto durante a cerimônia, percebeu tôda a extensão do plano de Miguel e disse a Rodolfo da necessidade de prosseguirem a farsa. Rodolfo reluta um pouco, mas a lembrança de Flávia o demove de suas idéias de partir. Os dias se passam e Rodolfo Rassendyll estava cada vez mais apaixonado por aquela que estava destinada a ser a rainha.

Ruperto e Miguel, duque de Streslau, conversam no castelo. Ruperto confessa-se sequestrador do verdadeiro rei e pede um resgate de vinte mil libras. Miguel acede à condição que êle seja assassinado, assim como ao falso rei, a fim de que êle possa ser coroado sem maiores complicações. Ruperto cínico, diz:

— Vossa Alteza me mostra a linha de meu dever. Na qualidade de patriota terei de matá-lo como se mata um cão.

Durante a noite, Rodolfo recebe de Antonieta de Mauban uma carta, na qual solicitava a presença dêle, só, em um determinado recanto. Como a falta a êste convite poderia causar sérios transtornos à Flávia, resolve comparecer. Aceita a proteção de Fritz e segue para o local marcado. Rodolfo, após escalar um muro, depara com a figura de Antonieta de Mauban, a apaixonada de Miguel, duque de Streslau. Esta pede a Rodolfo que se não causar dano nenhum ao seu amado esta confessaria o lugar onde se encontrava o verdadeiro rei. Rodolfo promete e ela diz que naquela mesma noite êle seria conduzido ao palácio de Miguel, mas que era necessário tomar precauções, pois caso alguém desconfiasse, o rei seria assassinado. Rodolfo agradece e parte, enquanto à porta Ruperto bate violentamente, tentando arrombá-la



Rodolfo a caminho da catedral aprende as palavras que deverá proferir durante a cerimônia.



Rodolfo tenta impedir que o rei seja assassinado.

no intuito de cumprir a primeira parte de sua missão: assassinar Rassendyll.

Durante vários dias, Rodolfo, Zapt e Fritz esperam, pacientemente, no bosque, acomodados em uma cabana de caça, até que, um dia, apareceu Ruperto e propôs a Rodolfo o abandono do cargo que vinha desempenhando, em lugar do verdadeiro rei. A oferta era de 100.000 libras esterlinas e um passaporte para o seu país de origem. Rassendyll recusa-se aceitar a proposta, mas Ruperto não se conformou. Sugeriu, então, que se matasse Miguel, Zapt e Fritz e, em seguida, o verdadeiro rei seria eliminado. Rodolfo teria então Flávia e êle, Ruperto, a mulher de seus sonhos: Antonieta de Mauban. Rassendyll ridicularizou a proposta, enquanto Ruperto, após uma tentativa de assassinato, foge a cavalo.

O rei Rodolfo, encerrado numa masmorra no palácio de Miguel, padecia sêde, fome e doenças. Nada o obrigava a assinar o têrmo de abdicação que seu irmão lhe propunha em troca da liberdade.

Nesta mesma noite, Rassendyll e Fritz jogam xadrez quando chega um emissário de Antonieta de Mauban, identificado por uma senha prèviamente combinada. Disse que na manhã seguinte uma turma de soldados entrara no castelo onde está aprisionado o rei. Se Rodolfo quisesse libertá-lo deveria aproveitar a oportunidade que se oferece.

Preparam uma escolta e partem. As duas horas da madrugada estão próximos ao castelo que está banhado pela luz da lua.

Rodolfo nota a janela iluminada de Antonieta, despede-se dos amigos, atravessa o fôsso a nado, escala o muro íngreme, chega ao quarto de Antonieta de Mauban, que o espera e auxilia-o a entrar nos seus aposentos. Dá-lhe roupa enxuta que êle muda enquanto recebe instruções de como alcançar a cela de seu sósia; acompanha-o um servente de Antonieta, Johann.

Ruperto de Hentzau enfastiava-se com a monotonia da vida. Resolve fazer uma vistoria ao castelo. Nota, sob a porta do quarto de Antonieta que lá no interior havia luz. Sem bater, entra, cerrando a porta atrás de si. Ruperto abraça-a e ri desdenhosamente de seus protestos. Miguel passava nos corredores e, ao ouvir o ruído vindo do quarto, entra, deparando com a cena.

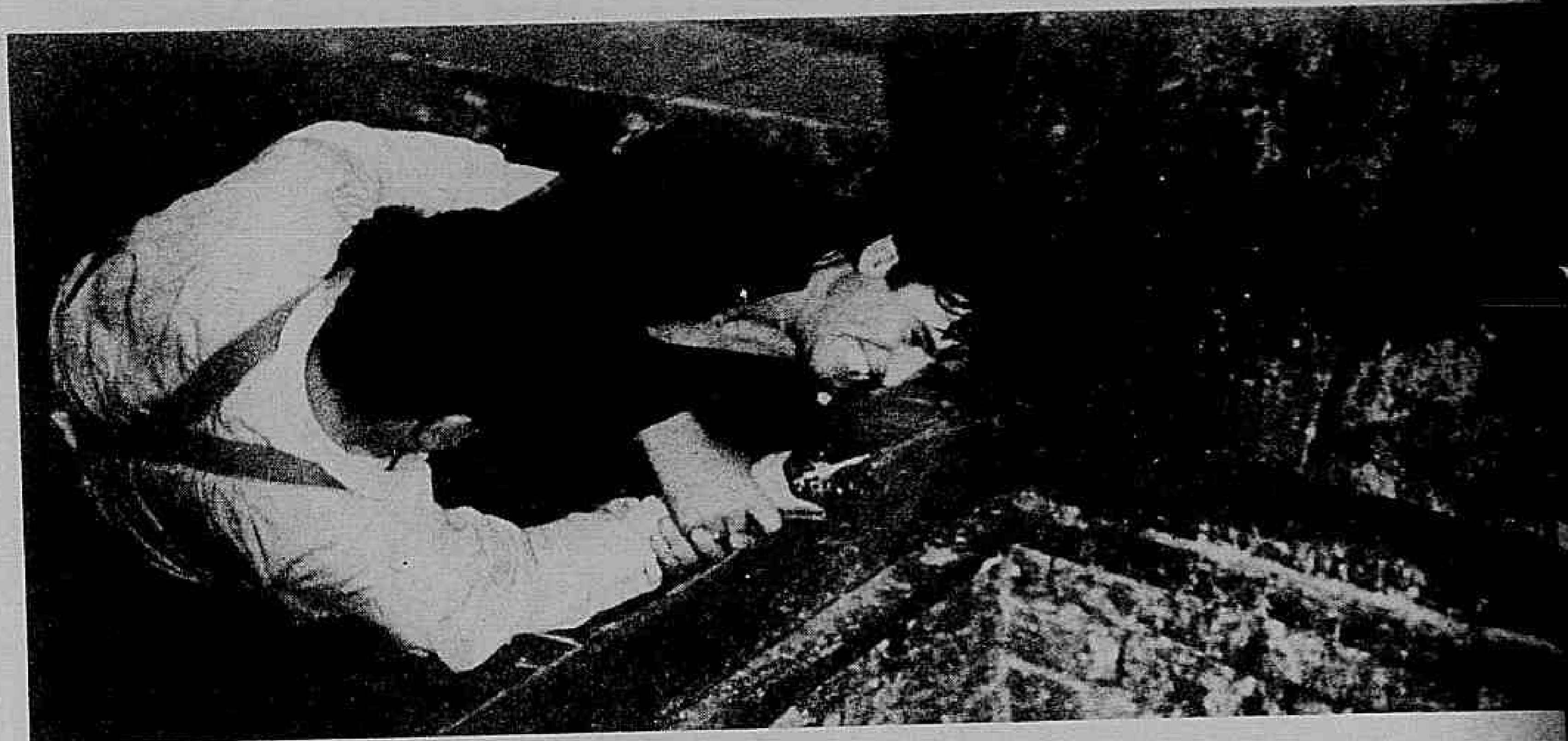
Rodolfo segue caminho em direção ao cárcere.

Miguel e Ruperto empenham-se em luta corporal, da qual resulta morto o duque. Antonieta, desesperada, abraça-o, entre soluços, enquanto que Ruperto, desconfiando de traição, dirige-se em direção à ponte levadiça no instante preciso em que Johann tentava abaixá-la. Ruperto, com uma grossa barra de ferro, extermina Johann e dirige-se ao subterrâneo. Rodolfo Rassendyll domina os guardas que vigiam o rei. Ao sair da cela em que êste se encontrava, seus olhos deram nos de Ruperto que, com uma pistola, o ameaçava. Rassendyll consegue ludibriá-lo e trava-se violenta luta de espadas. Ruperto, ágil esgrimista, conduzia Rodolfo em direção à ponte, a fim de abaixá-la para que seus soldados pudessem entrar. É Rodolfo, justamente, quem mais deseja que a ponte seja baixada. Ruperto, quando nota isto, tenta impedi-lo, não o conseguindo, entretanto. A ponte é baixada graças a um golpe seguro numa das cordas que mantinham o contrapêso. Fritz e Zapt entram e dominam a situação com facilidade. O rei mostra-se agradecido aos seus salvadores e especialmente a Rassendyll.

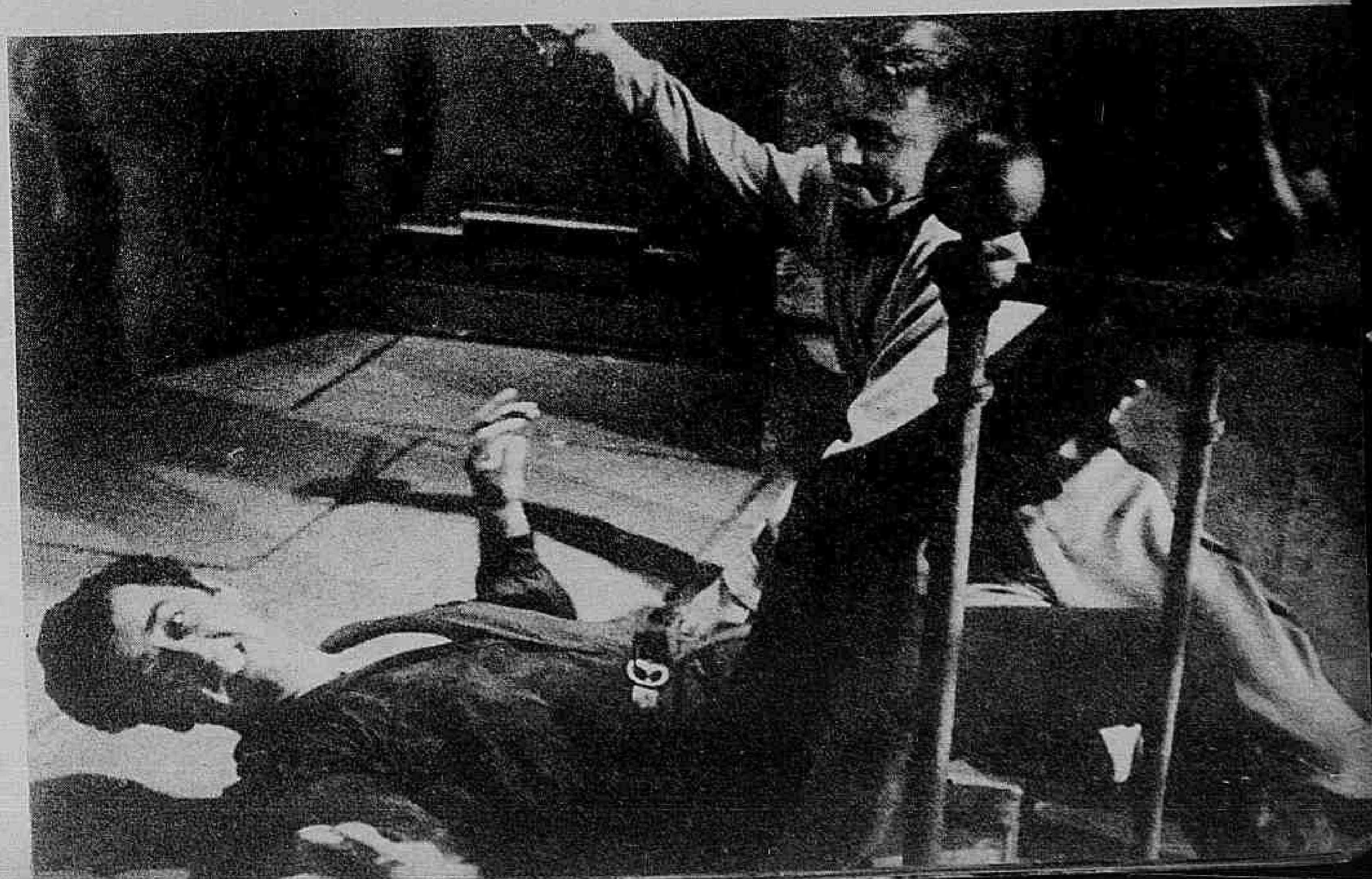
No dia seguinte, Rodolfo, comovido, dirige-se a Flávia que, inteirada da situação, não vê possibilidades de acompanhá-lo. As obrigações da côrte e seus destinos de rainha a impedem de abandonar Ruritânia. É triste a despedida entre êles.

No dia seguinte, sigilosamente, um grupo de amigos despede-se de Rassendyll, que parte de regresso à Inglaterra. E levava consigo a ruína das esperanças de um amor desfeito.

O infindável alçapão por onde seria lançado o rei torna-se uma ameaça para Rodolfo.



Durante a luta Rodolfo tenta romper as cordas da ponte móvel.



O CINEMA BRASILEIRO

DE SANIN, EXCLUSIVO PARA "A CENA"

NO PRESENTE

Balatta é o sobrenome de um fotógrafo entusiasta que cismou de fazer cinema. Comprou uma câmara a preço de "ocasião", reuniu um grupo de amigos e está realizando um "short" denominado "O Trote". Como o Antonico da canção, "faz êle muito bem".

Em Caracas ganha mais um prêmio um filme de arte de Lima Barreto: "O santuário". Uma glória acrescida ao nome do diretor e ao cinema pátrio.

Alípio Ramos conclui a película "Marujo por acaso" (ex-"Marinheiro das Arábias"), com Ankito, Heloísa Helena e Afonso Stuart nos principais papéis. A propósito dos irmãos Ramos, produtores e realizadores do filme transcrevemos um trecho do artigo de Luís Jorge: "São os produtores independentes homens que não gozam de favores "oficiais" mas se preocupam no intuito de manter acesa a chama de entusiasmo público pelo cinema brasileiro".

Mancini embarcou com sua equipe e novos artistas para o interior do Estado do Rio a fim de concluir o acidentado "Nobreza Gaúcha".

A "Dupont" solicita dos produtores a metragem necessária para as próximas produções de 1954. O filme virgem será vendido à base do câmbio oficial.

Fundada no Rio a Academia Brasileira de Cinema, uma escola de formação de atores. O curso é dirigido por Jorge Jaime e conta com a colaboração de vários professôres. Foram realizados exames de Admissão ao qual concorreram vários candidatos. Os cinco primeiros classificados no exame (que não requer conhecimentos prévios de cinema), receberam bôlsas de estudo.



Como se vislumbrasse o futuro no horizonte, vê-se a equipe técnica de «Rio 40 graus», com o diretor Nelson Pereira dos Santos, assistente Jacob Bonder, diretor de fotografia Hélio Silva e o seu assistente Ronaldo Ribeiro.

A "Atlântida" filma o drama "A outra face do homem" com Eliana, Renato Restier, e "miss" Inalda (Cinelândia) de Carvalho. O título é provisório e o diretor J. B. Tanko.

Apresentado em Cannes o segundo filme da representação brasileira ao Festival. Semi-documentário realizado na Amazônia.

Lançado em São Paulo, sem maior repercussão o filme de Carlos Ortiz "Luzes na Sombra".

Foram suspensas provisòriamente, as filmagens de "Contrabando", o fotógrafo Cyril Arapoff, responsável pelas imagens dêste filme voltará brevemente para a Europa.

Teve solução o problema da Vera Cruz. Cada dia sabe-se de um fato favorável e de nova providência que foi tomada. O sr. Zampari, falando a "A CENA" mostrou-se satisfeito com o fato do govêrno ter concedido a intervenção que solicitara. Uma das primeiras iniciativas da nova diretriz foi à dispensa de muitos elementos.



Riva Blanche, «estrêla» de «Rio 40 graus» que foi ouvida pela CENA.

NO FUTURO

A "Multifilmes", segundo se anuncia, permanecerá fechada durante dois anos até o restabelecimento de suas finanças. Há dificuldades em todos os setores da realização de uma produção contínua. Até os "independentes" que vinham trabalhando com regularidade estão sofrendo com a atual crise devido ao retraimento dos capitais.

O Cine-club da ASA reabrirá livremente inscrições para sócios. O primeiro filme programado será de John Ford.

Eurides e Alípio Ramos da "Cinelândia Filmes" anunciam sua próxima produção. Uma idéia que reputamos feliz escrita especialmente para Ankito "O mata-mosquito", comédia satírica escrita por Victor José Lima. A figura do esquecido funcionário do Serviço de Febre Amarela é uma das figuras típicas do cenário carioca. Esperemos a realização.

Notícia-se de São Paulo que Lima Barreto receberá uma subvenção de Cr$ 5.000.000,00 para iniciar as filmagens de "O Sertanejo". Embora nada de positivo haja sôbre o assunto fomos informados que Lima anda atualmente rondando o Palácio do Govêrno paulista. É êle um dos poucos diretores que não esmoreceram em sua luta pelo cinema nacional.

ANA BEATRIZ NÃO TEM "HORAS VAGAS"

ALÉM DA "ESTRÊLA" DE "UMA VIDA EM 15 MINUTOS", "A CENA" OUVIU TAMBÉM, RIVA BLANCH E CLÁUDIA MORENA, NOVOS TALENTOS

Você que trafega pelas ruas do Rio, despreocupadamente, que mora em Copacabana ou em Engenho de Dentro, ou em favelas onde pululam casebres; que vai ao Maracanã torcer pelo seu time predileto; você poderá ser figurante acidental do filme "Rio 40.º", a primeira produção da recém-fundada companhia "Nelson Pereira dos Santos". Evidentemente, a sua colaboração será expontânea pois você habitante do Rio, é o próprio Rio, protagonista principal do filme. Note-se: a câmara não cometerá indiscrições.

A película destina-se a ser original, sem ser pretenciosa. Seis histórias típicas que poderiam ocorrer a qualquer dos habitantes da cidade maravilhosa. Procura retratar com humanidade e realismo alguns aspectos da vida da metrópole, jogando a paisagem carioca um dos papéis decisivos da película. Aliás, apesar de muito louvada e amada por cada habitante do mundo que conhece a silhueta do "Gigante Adormecido", nunca o cinema aproveitou sóbria e corretamente a nossa paisagem humana e física.

Em recente coquetel oferecido à imprensa, tivemos oportunidade de ouvir algumas das "estrêlas" do numeroso elenco. Foram elas:

ANA BEATRIZ

Descendente de inglêses, cabelos castanhos, graciosa e simpática tem uma grande ambição: estudar teatro na Inglaterra. Aliás, ao que nos pareceu, é para o teatro que converge grande parte de sua atenção. Matriculou-se recentemente no curso de Pascoal Carlos Magno, estudou durante três anos "ballet" com Pierre Klimov e, no Hotel Glória, aprendeu a andar elegantemente com guarda-chuva; fêz o curso de modêlo. A Bras-Filmes projetava o filme "Uma vida em quinze minutos" e ela foi convidada para "estrelá-lo". O filme que ainda é inédito não utilizou a sua voz: ela foi "dublada".

Fêz neste interim uma série de filmes de propaganda para a televisão, continuava lecionar os alunos do jardim de infância de um colégio inglês. Os meninos passaram a preferir os produtos por ela anunciados e sua turma viu-se acrescida de outros garotos que começaram a admirar a "estrêla" e, quando entrava em aula era saudada por uma frase do "gingle". Por duas vêzes foi capa de revista. Mme. Elkinds, "manager" da Multifilmes a convidou para estrelar "O Homem dos Papagaios" convite êste que não pôde aceitar pois tinha compromissos com a escola onde lecionava. Nelson Pereira dos Santos ofereceu-lhe um dos papéis do filme e ela aceitou. Interpretará uma das moças que circulam e andam em Copacabana pensando em "brotos", em cinema e outras coisas.

Perguntamos à Ana Beatriz o que fazia nas horas vagas.

— Não faço nada, não tenho horas vagas!

Saímos de "fininho".

CLÁUDIA MORENA

O nome denuncia a tez. Olhos negros espichados à mongólica, cabelos negros, cantora de voz agradàvelmente assopranada, com "it". Atua no "cast" da TV e das rádios Associadas e também no "show" do Casablanca. Em um dos episódios precisava-se de moça que cantasse bem e tivesse a dignidade de rainha de Escola de Samba. Depois de uma busca fatigante a escolha recaiu sôbre Cláudia Morena. Convidada para integrar o elenco aceitou prontamente pois andava doidinha para fazer cinema.

(Cont. na pág. 34)



Ana Beatriz, graciosa «estrêla», falou à CENA.

Apesar de «não ter horas vagas», Ana Beatriz encontrou um tempinho para uma volta de bicicleta, em Quitandinha.



Curiosidades e "Close-ups"

O NASCIMENTO DO CINEMA

DE ROVLAND.

EXCLUSIVO PARA "A CENA"

Faleceu recentemente o último dos irmãos Lumière: August que, com seu irmão Louis, inventou o primeiro aparelho de tomadas e promoveu a primeira projeção cinematográfica do mundo. Associando-se às homenagens que lhe têm sido prestadas, "A CENA" transcreve interessante artigo, digno de "Curiosidades".

Nos primeiros dias de 1896, o célebre fotógrafo Lumière convidou seu amigo Trewey a dar seu parecer sôbre uma nova invenção: o cinematógrafo. Trewey entusiasmou-se com a idéia e ofereceu-se a prestar-lhe auxílio com a sua mímica. Registrou-se, então, o primeiro filme. Pouco depois, Trewey e os irmãos Lumière instalaram o primeiro cinema no "Grand Caffe", em Paris. Mediante a modesta quantia de 1 franco, os parisienses afluíram ao café onde eram exibidas as fitas em número de doze.

Cada uma tinha cêrca de quinze metros e representavam com trepidações cenas sem grandes pretenções: uma menina procurando apanhar peixinhos, a chegada do trem numa estação, etc.

No dia 20 de fevereiro de 1896, Trewey exibia pela primeira vez o cinematógrafo em Londres. Foi escolhida a sala do "Plythecnic" e todos os representantes da imprensa e convidados. Terminado o espetáculo, levantou-se a tela branca e apareceu em cena Trewey, diante de uma longa mesa, suntuosamente ornamentada, convidando a imprensa a um lauto banquete!..

O sucesso da cinematografia na França, foi bem maior que na Inglaterra onde só conseguiu uma certa popularidade depois de muito aperfeiçoamento. Hoje o público é mais exigente (crônica de 1913) não existem mais filmes de quinze metros e a chegada de um trem constitui um episódio banal em uma fita. É imenso o caminho percorrido nestes últimos dezesseis anos de existência.

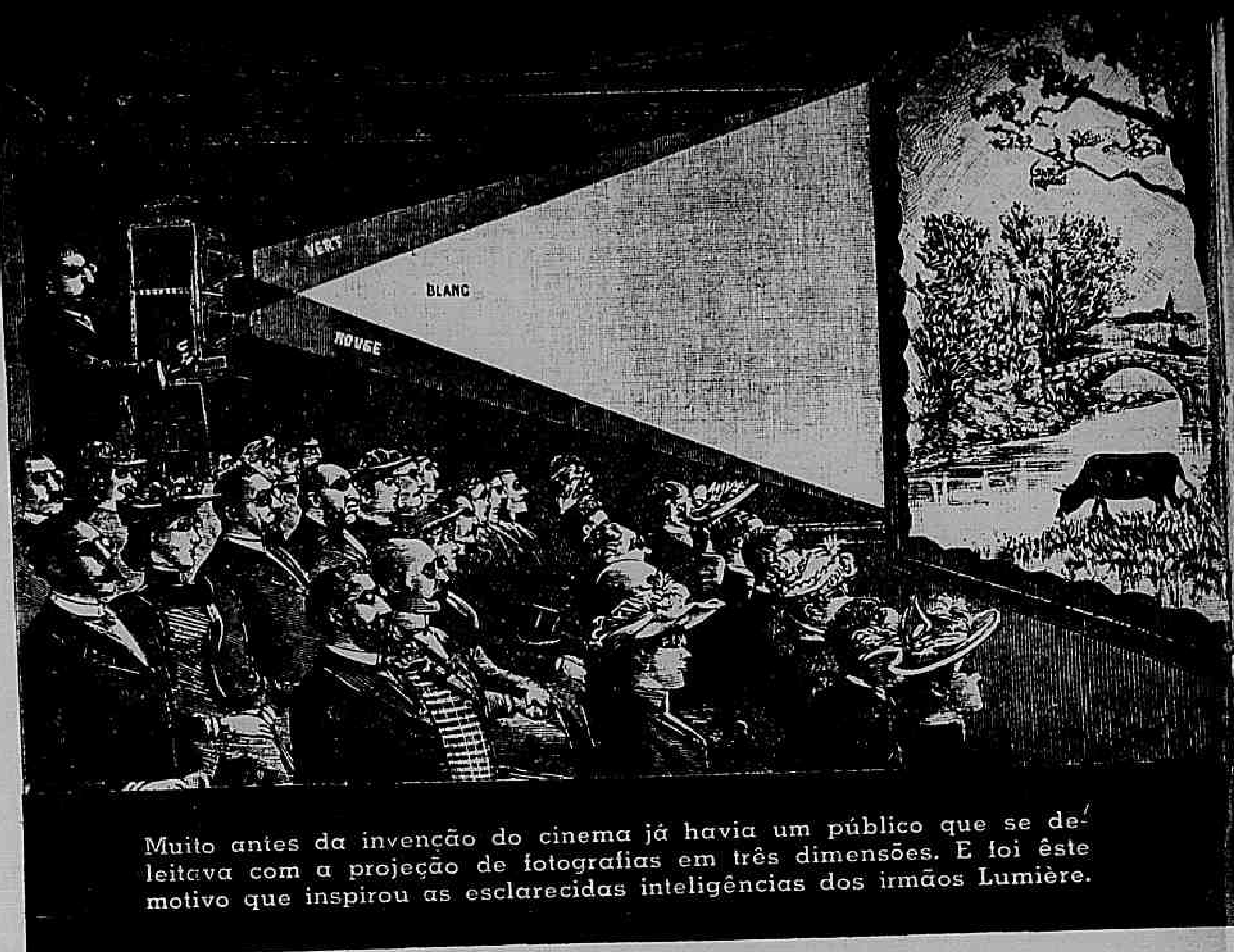
O velho Trewey segue todos êstes progressos do fundo de seu retiro em Asnières; seu prazer é grande, mas diz à nossa reportagem, entre dois sorrisos incrédulos: "A eletricidade, os motores acionados, constituem fôrça inerte — a máquina; nunca conseguirão igualar a mão do homem acionando uma manivela" ("O Cinema" — 17-2-1913).

O trecho acima foi recolhido do primeiro número do primeiro periódico de cinema editado no Brasil. Custava 100 réis o exemplar da revista "O Cinema" que veio à luz em janeiro de 1913!

A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO RIO

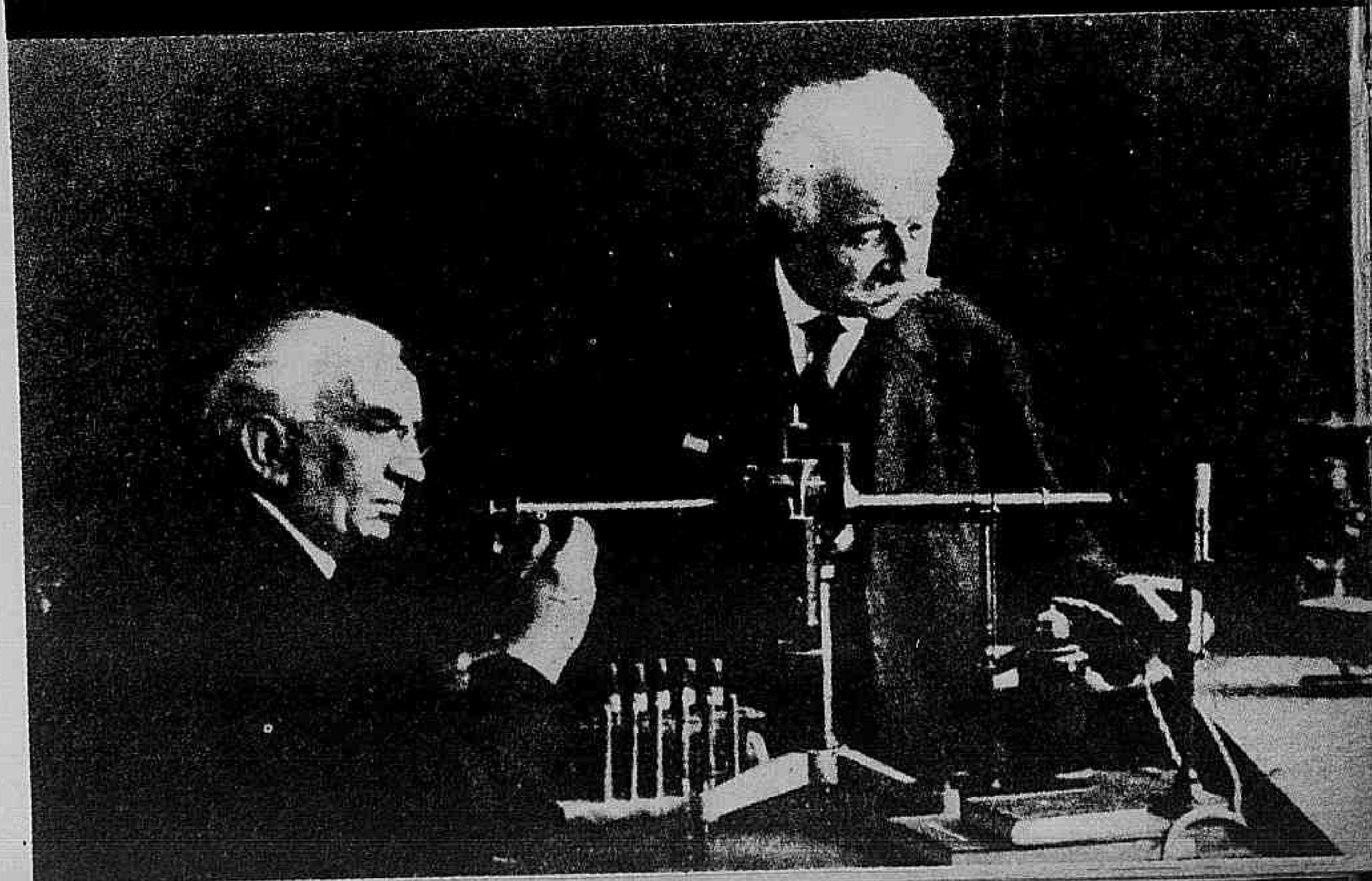
A revolução que o cinema "operou entre nós foi profunda. Famílias que não punham o pé na rua, senão para o Carnaval, saem hoje (1913...) quase diàriamente. O Rio transformou-se, a Avenida povoou-se graças ao cinematógrafo que fornece diàriamente aos cariocas o hábito de sair. Os teatros em vez de sofrerem concorrência, lucraram, pelo contrário, encontrando na capital mais público acostumado, a espetáculo."

E, assim é o passado; as reminiscências da primeira revista de cinema no país vieram, em meio das curiosidades reverenciar o segundo irmão dos Lumière, August, que seguiu para uma outra vida.



Muito antes da invenção do cinema já havia um público que se deleitava com a projeção de fotografias em três dimensões. E foi êste motivo que inspirou as esclarecidas inteligências dos irmãos Lumière.

Os irmãos Augusto e Luis Lumière, inventores do cinematógrafo, pais do moderno cinema.



SEGREDOS DA TELA

O HOMEM INVISÍVEL MARCA PASSO!

A reação dos atores na fotografia acima, assemelha-se à dos espectadores. Os efeitos obtidos no cinema, com o intuito de emocionar o público, o tem levado a verdadeiros enigmas. Em realidade, é muito simples imprimir-se a caminhada do homem invisível na neve, conforme se lerá no texto abaixo.

Por "LONG-SHOT"

ALGUNS truques cinematográficos, que nos surpreendem pela perfeição como são realizados, via de regra, são os mais simples. Poderíamos mesmo dizer que quanto mais simples maiores são as possibilidades de "realidade" e, portanto, de convencer o espectador. Tal é o caso da impressão dos passos do homem invisível sôbre a neve. 1) — Um homem imprime seus passos na neve; 2) — Deita-se imprimindo o corpo; 3) — É içado por uma grua.

Filma-se o rastro (4), em seguida os últimos passos, os ante-penúltimos e assim sucessivamente, tendo-se a precaução de apagar, entre cada par o precedente (5).

As bobinas de filme devem ser colocadas em ordem inversa. Obtém-se, assim, na tela, a marcha dos passos e, em seguida, o corpo que tomba. A única e verdadeira dificuldade desta realização reside na fumaça da chaminé escapando da casa. A fim de que ela não apareça entrando na chaminé ela é agregada por sôbre-impressão.





A inversão da câmara dá ao espectador a impressão de que os fatos filmados sucederam-se na ordem inversa. Um dos efeitos em que êsse gênero de truque é empregado consiste no retôrno do saltador ao trampolim ou os cavalos que correm de costas, etc. Êste efeito é empregado também quando o «homem invisível» marca seus passos sôbre a neve.



Em «Moulin Rouge», Houston conseguiu reviver a alegria contagiante do «can-can».

O CINEMA E A DANÇA

OS BAILADOS POPULARES NA TELA
(Continuação)

O segundo papel importante de Kelly foi em «Marujos do Amor», em que realizou quatro danças de vulto. Duas foram com Frank Sinatra (I begged her), com um camondongo desenhado e com uma menina: Sharon Mc Manus. A outra, um solo espanhol, extremamente excitante, no qual combinava o taconês espanhol com a moderna técnica do sapateado. Isto só era prejudicado pela música banal e as infelizes acrobacias «tarzânicas» no clímax. Em «Vida à Larga», comédia encantadora e despretensiosa, Kelly executava uma dança com uma estátua que é uma de suas melhores criações, e outra baseada em jogos infantis, demonstrando a verdade da observação de Arthur Knight: «Kelly sempre dança o ritmo do povo, exprimindo sua felicidade ou tristeza em têrmos de dança.»

Nisto repousa a sua grandeza. São reveladoras as próprias palavras de Kelly sôbre o tema dança no filme (citadas na revista «Dance», fevereiro de 1947):

«Não esperem que o cinema em seu estado atual, desenvolva as artes. Mas do lado mais brilhante contem com êle para popularizá-las e levantar o nível de apreciação. Dançar para o cinema é grande estímulo ao dançarino individual. O espetáculo sempre distrairá certa percentagem do povo. Mas, a meu ver, é a forma mais fácil de apresentação. Danças e «divertissements» em grupo sempre terão seu lugar, mas nunca podem, em razão de dificuldades mecânicas, ter o interêsse de uma caracterização de dança por indivíduo na tela».

O trabalho de Kelly em «O Pirata» (The Pirate) é um «tour de force», com o andar equilibrado no arame de alguns de seus mais brilhantes bailados. Em «Nina», por exemplo, executa volteios espanhóis que dificilmente se poderão considerar menos brilhantes que os de Luisillo. Usa muitos passos modernos, provando uma vez mais que é perito em tais técnicas, como o é evidentemente na técnica do «ballet».

Vincente Minneli, realizador de «O Pirata», é o mais original diretor de musicais de Hollywood. «Uma cabana no céu» (Cabin in the Sky) e «Ziegfeld Follies» foram, ambos extraordinários, cada qual à sua maneira; e «Agora Seremos Felizes» (Meet me in St. Louis) é o único filme que até aqui adaptou com êxito às necessidades do cinema a nova concepção de teatro lírico recentemente evolvida na América de que Oklahoma ainda é o melhor exemplo. «Agora Seremos Felizes» obteve sucesso por integrar história e dança. O número «Skip to my Lou», na cena da festa, era uma dança coreogràficamente concebida, versão sublimada da dança social americana contemporânea, que deu à atmosfera geral de excitação e jovialidade muito mais do que daria uma reconstituição exata e sem imaginação das danças em aprêço.

A coreografia era de Charles Walters.

Outros produtores fizeram tentativas de repetir o sucesso de «Agora Seremos Felizes», tais como «Noites de Verão» (Centennial Summer), deixando de capturar a frescura e a originalidade do filme de Minneli. Mas «Idílio para Todos» (Summer Holiday), de Rouben Mamoulian, em gênero similar, tem estilo próprio. Ainda aqui foi Charles Walters o diretor de dança: as duas seqüências de dança (ambas ao ar livre) são simples, mas muito eficazes.

A calorosa recepção dada pelos críticos a «O Pirata» é mais surpreendente por ter seguido algo de «Os Sapatinhos Vermelhos». A virtuosidade das grandes seqüências da dança, a inteira segurança com que Minneli maneja grandes multidões; a economia de meios técnicos e, principalmente, o uso de côres e luzes, são especialmente importantes ao «ballet» «Pirata». Nos filmes de Minneli a distinção sempre arbitrária — entre o «ballet» e outras formas de dança, torna-se mais difícil de definir: uma classificação rígida e rotular, os vários tipos de dança «Ballet», «Sapateado», «Moderno», e assim por diante, só ameaçam comprometer o desenvolvimento da dança. Em «O Pirata», com um dançarino como Kelly a cooperar, Minneli chegou bem perto de realizar um filme em que se dança todo o tempo e não apenas nos trechos espetaculares. Minneli usa à miúdo, audazmente, o movimento estilizado, que se casa perfeitamente com a deliciosa fantasia de entrêcho e cenário. Esperamos que continue a trabalhar nesse roteiro — novamente com Kelly: ou talvez com Balanchine, ou colaborando com Katherine Dunham numa revista cinematográfica de dança. Então veremos algo de magnífico em matéria de bailados ligeiros na tela.



Fred Astaire, precursor do sapateado e das danças no cinema, marca uma época.

Vera Zorina, no «ballet» coreográfico por Balanchine: «The Goldwyn Follies».





Em suas habituais críticas de pré-estréias, «A Cena» já antecipou a do filme nacional: «Nem Sansão nem Dalila», da Atlântida, publicada na semana anterior.

realizou o filme, aproveitando o máximo que lhe oferecia o roteiro. «A Divina Salomé», de procedência italiana, estreou no São José.

1 ½ — "BELEZAS EM REVISTA"

Deveria ser uma comédia musical, mas é apenas um fraco musical. A principal qualidade da película reside no seu bem dosado «technicolor», que enriquece as imagens e embeleza muitos quadros pela feliz escolha das côres. De grande monotonia e com pobres números musicais, a narrativa vem entremeada de superficial apresentação do afeto de pai e filha, e da vida do ator fora do palco. (Êste é o cantor Sid Field, já falecido). O principal tema consiste no ator desconhecido à procura do estrelato, e o «climax» seria conseguir o que almejara. Mas realmente não há «climax», devido a fraca direção, que não consegue quebrar a monotonia do espetáculo. As seqüências musicais mais interessantes são as de «Hampstead». Há algum mau gôsto e como exemplo poderíamos citar o monumental piano para uma dezena de pianistas nas cenas finais de palco. Sid Field um ator deficiente, possuia, porém, agradável voz. «Belezas em Revista», distribuída pela Art-Films, estreou no Rivoli.

1 ½ — "NA SOMBRA DO DISFARCE"

Western» tecnicolorido, convencional, poderíamos mesmo dizer, uma coleção de clichês sem nenhuma característica invulgar que o destaque de tantos outros que nos têm aparecido. Joel Mc Crea (correto), faz um vaqueiro-detetive, a sôldo de uma emprêsa de investigações, vai ao oeste

CARTAZES *em Revista*

Orientação crítica de JONALD, L. BOLTSHALSER, H. ANDERSEN e SANIN ★ Em São Paulo: C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pintos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; 0 — inqualificável.

LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIA DO FESTIVAL M. G. M.

2 — "O PRISIONEIRO DE ZENDA"

Em 1922 foi realizada a primeira versão desta conhecida novela. Ramon Novarro foi o protagonista e, entre outros, Lewis Stone um dos principais. Dizem os livros que o filme foi de muito boa qualidade. Em 1937 surgiu a segunda, com Ronald Colman, Madeleine Carroll e Douglas Fairbanks Junior. Tivemos ocasião de presenciá-la. Sem dúvida, também foi bom filme. Ainda recordamos a poesia com que foi tratada a parte amorosa bem como o epílogo: um trem afastava-se, levando consigo o «sósia» do rei e a princesa o acompanhava, com o olhar, vendo-o desaparecer em uma curva, em meio da noite. Acompanhando, aliás, a evolução geral que se passa no mundo, na qual as razões do sentimento vão sendo substituídas por outras. Esta película é tipicamente 1954, comercial em tudo. A transposição foi sob o influxo do lado aventureiro. Além de ter sido desprezado o que havia de melhor no campo amoroso, os fatos aventureiros e heróicos foram também torcidos, em busca de rumo demasiadamente popular. Desapareceu a emoção interior a fim de que o movimento das ações caminhasse em meio de pura bilheteria. É enfim, a ânsia característica da atual fase do mundo que se reflete, também, em simples filmes de aventuras. Mais expressivo que deva perder para a versão de 1922 e mais fàcilmente para a de 1937. O que o filme tem de melhor é o desempenho de James Mason, dominando o de todos os outros, e a seqüência do duelo, no epílogo. Os «doublés» foram usados com maestria e os trechos em que lutam Mason e Granger são perfeitos, sendo uma das melhores disputas que o cinema mostrou no gênero. Contudo, esta inegável emoção é tardia e perde muito, em face dos defeitos apontados, principalmente pela falta de devassa íntima. As personagens foram fixadas com muita frieza pelo diretor Richard Thorpe. Excetuado Mason, que fêz valer as suas qualidades pessoais, os outros, em certos momentos parecem autômatos, seguindo as álgidas instruções do responsável: Stewart Granger, Deborah Keer, Louis Calhern, Jane Greer, Robert Douglas, Lewis Stone (da primeira à última versão). Colorido e montagens com belos efeitos. «The Prisioner of Zenda», Metro.

PRÉ-ESTRÉIA DA PRESENTE SEMANA

4 — "OS BRUTOS TAMBÉM AMAM"

Até o presente momento foi a melhor estréia do mês, devendo figurar no Quadro de Honra, como o grande filme de abril. Em nossa opinião é o melhor «western» dos últimos tempos superando, inclusive, «Matar ou Morrer», cujas últimas seqüências tanto prejudicou o conjunto. George Stevens, o cineasta de «Um passeio ao sol», é um dos máximos valores do cinema contemporâneo. O que conseguiu neste filme diflcilmente será esquecido. A atmosfera e desempenhos de Van Heflin, de Jean Arthur, Alan Ladd (inclusive) e do garôto Brandon De Wilde são inesquecíveis.

3 — "SALOMÉ"

Êste velho filme da Cinecitá vem agora estrear quase no anonimato. Com uma original narrativa sôbre a lendária Salomé, com o sabor de inteligente sátira a película é boa no gênero, relativamente à época em que foi feita. Decorrendo num ambiente lendário apresenta-nos um inteligente decor e maravilhosos trajes orientais, magnificamente estilizados. Além da originalidade do tema, conta a obra cinematográfica com ótimos desempenhos entre os quais o da impressionante Conchita Montenegro. Infelizmente, a película sofreu várias atrofias devida à sua idade avançada, não permitindo um completo deleite do espectador. Jean Choux

com seu filho Joshua (Jimmy Hunt, mau). Casa-se com (Barbara Hale, sofrível), mete-se entre os bandidos e finalmente descobre tôda a atividade desenvolvida pelos mesmos e, inclusive, o «chefe». Não faltam lances sensacionais com perseguições, tombos de cavalos e de carruagens fotogênicas onde a habilidade de um acróbata substitui a de Joel McCrea. A fotografia, em «technicolor», de Maury Gertsman é satisfatória, valorizando uma rica paisagem. A música de Joseph Gershenson se bem que convencional pauta adequadamente e com precisão a película. Título original: «The Lone Hand», da Universal, em exibição no Roxi.

1 ½ — "A RENEGADA"

Apesar de a história oferecer possibilidades intrínsecas como estrutura, esta película da Republic não convence. Exceção dos primeiros oito minutos de filme, quando se trata de situar no espaço e no tempo a ação, a narrativa faz-se de certa maneira vibrante e movimentada, jogando com montagem dinâmica e precisa. Infelizmente, são apenas os oito primeiros minutos. De resto, a película tôda ela é banal, perdendo tôda a dignidade que era de se desejar. Conta-se a história de uma cidade durante a guerra da Secessão, situada entre as fôrças do norte e do sul mantida neutra e governada por uma mulher: Mrs Courtney (Nina Varela) a única interpretação mais ou menos correta. Uma quadrilha de bandoleiros, os Quantrill, da qual Jesse James é integrante ronda a cidade e provoca inúmeros tumultos. No bar local é assassinado o proprietário e assume a direção a sua irmã (Audrey Totter). Escaramuças, ameaças de linchamento, amor mal definido, fim de guerra, expulsão da quadrilha tudo isto é feito sem um pulso do diretor, que falhou. A fotografia é

«Na sombra do disfarce», da Universal, com Joel Mac Crea na personagem central, cuja análise é hoje publicada.





«Belezas em desfile», musical inglês, distribuição da Art Filmes, hoje comentado.

vulgar, a interpretação sem maior destaque. A música é insignificante. Título original «Woman They Almost Lynched», lançamento nos cinemas Leblon, Ipanema etc.

1 ½ — "MULHERES SACRIFICADAS"

Um dramalhão como só mesmo o México sabe fabricar, dando margem a muitos requebros de Ninon Sevilla. A ilustre rumbeira é, ainda desta vez, a menina inocente, apreciadora das flores, dos rouxinóis e dos desenhos animados, mas maltratada sem piedade pela vida. Sua mãe, que ela acredita uma santa, é, na realidade, uma decaída; o homem que ela julga seu padrinho, explora sua mãe até o último centavo. E chega o dia muito triste onde a menina descobre a verdade. Para cúmulo, todos começam a chamá-la de louca: o pseudo-padrinho, a mãe, o namorado. E ela acaba se convencendo. Resultado: mata o padrinho e começa a ter alucinações, vendo um homem de prêto sempre a persegui-la. Mas os admiradores da rumbeira estão bem servidos; para sustentar a mãe, ela requebra à vontade. E depois, o marido, muito sensível ao calor da Martinica fica acamado, e volta Ninon ao seu ganhão-pão exibindo tôdas as suas habilidades, que são muitas. Há a apoteose final, colorida, com um bailado em Paris e outro no México, já quando a menina, até então muito ajuizada, começa a perder o siso. O drama se encerra da forma mais negra, com as portas do manicômio fechando-se atrás da rumbeira. A direção nada tem a acrescentar, de vez que a coisa, tal qual está, já é muito trágica. E os intérpretes ficam desgovernados. Aguardemos outra da Ninon. Título original: «Mujeres sacrificadas», uma produção Calderon, lançada no Azteca e circuito.

EM SÃO PAULO

LANÇAMENTOS A PARTIR DE 12 DE ABRIL

«O SAQUE DE ROMA» («Il sacco di Roma») — Produção italiana, com Pierre Cressoy e Franco Fabrizzi. Direção de Ferrucio Cerro. (No Art Palácio, em tela panorâmica).

«ESPÔSA CLANDESTINA» («Quatro noches contigo») — Filme mexicano, com Elsa Aguirre e Domingos Soler. Direção de Raul de Anda. (No Broadway).

«O CÉU ESTA EM TÔDA A PARTE» («Sally and St Ann») — Universal, com Ann Blyth e Edmund Gwenn. Direção de Rudolph Maté. (No Ritz São João).

«FLECHAS FLAMEJANTES» («Captain Smith and Pohahontas») — United, em «Pathecolor», com Anthony Dexter e Jody Lawrence. Direção de L. Landres. (Marrocos, em tela panorâmica).

«ALÉM DO SAHARA» («Below the Sahara») — Documentário em «technicolor», produção e direção de Armand Denis. RKO. (No Ópera).

«OS CINCO BAMBAS» — Produção alemã, com Peter Pasetti, direção de R. A. Stemmle. (Criticado nas pré-estréias do Festival).

JÁ EXIBIDOS NO RIO

3 — **«LUA PRATEADA» («By the light of the silvery moon»)** — Com Doris Day. Direção de David Butler. (No Ipiranga). Já criticado em A CENA.

2 — **«SEMINOLE»** — Com Rock Hudson, direção de B. Boetticher. (Já criticado em A CENA). (No Marabá).

2 ½ — **«BANDEIRA DA DESORDEM» («San Antone»)** — Republic, com Rod Cameron. Direção de Joseph Kane. (No Bandeirantes). Registrado em A CENA.

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

«OS FILHOS DE NINGUÉM» — (13º semana, Paratodos).
«O MANTO SAGRADO» — (2º semana, no República).
«EU SOU O CAPATAZ» — (2º semana, no Jussara).
«A RAINHA VIRGEM» — (2º semana, no Metro).



«Prisioneiro de Zenda», pré-estréia do Festival MGM.

teatro música

OSWALDO de OLIVEIRA

"BATISTE" SERÁ, AGORA, CRISTÓVÃO COLOMBO

BARRAULT TRARÁ GIDE, ANOUILH E CLAUDEL NA TEMPORADA DO TEATRO MUNICIPAL

ESPECIALMENTE CONVIDADO, ESTA PÁGINA APRESENTA, HOJE, A PALAVRA DO ILUSTRE CULTOR DE ARTE EM GERAL, OSWALDO WADDINGTON, QUE TECERÁ COMENTÁRIOS SÔBRE A GRANDE FIGURA DE JEAN LOUIS BARRAULT.

Desde a morte de Louis Jouvet, ocupa o trono de maior homem de teatro da França a figura multiforme de Jean Louis Barrault. Para o público de cinema êle é aquêle grande ator que viveu na tela o inesquecível "Batistè", o pierrot de "Boulevard do Crime" e o estranho de "Conflitos do Amor". Em breve, será visto num papel de destaque no filme de Sacha. Cutry "Si Versailles m'avait conté", ainda sem título em português. No teatro, sua carreira é bem mais extensa e significativa. Discípulo de Charles Dullin, após trabalhar com seu mestre e outros nomes célebres dos palcos franceses, foi diretor da Comédie Française, onde assinou, entre muitas, a "mise-en-scène" de "Fedra" de Racine. Ali, na Casa de Molière, conheceu e casou-se com Madeleine Renaud, então primeira atriz daquela célebre companhia e hoje sua espôsa e co-protagonista. Seu espírito renovador e seu temperamento inclinado às tentativas e audácias, o impeliam a realizações que a tradição secular da "Comédie" não permitia. E por isso, em 17 de outubro de 1946, o público de Paris assistiu levantar-se o pano do Teatro Marigny para uma nova fase no teatro francês: a estréia da Companhia Madeleine Renaud-Jean Louis Barrault. Livre de injunções estranhas, dono dos destinos de sua "troupe", criador, poeta e filósofo de sua arte — além de profundo conhecedor dos mil mistérios do seu "metier" — Barrault arregimentou para o teatro vários expoentes da cultura francesa que, guiados pelo seu gênio renovador mas consciente, trouxeram para a cena francesa uma atmosfera surpreendentemente nova, que assombrou Paris. Estreando com "Hamlet" (tradução de André Gide, música de Arthur Honegger), apesar das controvérsias criadas pela concepção dada à tragédia do Príncipe de Elsinor, o retumbante sucesso alcançado levou Barrault a novos e arrojados empreendimentos. Fêz reviver um gênero quase extinto: a pantomina. Jacques Prevert escreveu em seis quadros o poema-libreto e Barrault criou em cena êsse "poema-em-gestos" que foi "Batiste", da qual vimos na tela uma síntese no filme "Boulevard do Crime", dirigido por Marcel Carné. Após Prevert, atraiu para o palco Montherlant, montou Camus, Sartre e Claudel. André Gide foi outra vez solicitado e, juntos, transpuseram à cena o famoso romance "O Processo", de Kafka, tarefa monstruosa, que o próprio Gide considerava impossível e que declara só ter chegado a concretizar-se graças ao gênio do grande ator-diretor. Sobretudo, o maior significado da obra de Jean Louis Barrault consiste na profunda renovação que dava às montagens dos autores clássicos. Nomes como Honegger, Georges Auric Kosma e Henri Sauget musicaram; Christian Berard, Labisse, Mayo e Brianchon desenharam cenários e trajes e Gide traduziu os estrangeiros. Assim, pela mão de Barrault, Molière, Shakespeare, Marivaux e Racine voltaram à cena autênticos e atuais, num tom plenamente verdadeiro, uma vez que o teatro só é verdadeiro quando corresponde ao momento social que o assiste.

Em 1950 o Rio viu e aplaudiu êsse grande ator, Madeleine Renaud e tôda a Companhia. O municipal superlotou-se para aplaudir o mesmo "Hamlet" de Paris: "Occupe-toi d'Amelie" (que no cinema vimos como "Meu Amigo, Amélio e Eu", com Danielle Darrieux) mostrou-nos a surpreendente Madeleine Renaud perfeita no "vaudeville" como o fôra no texto límpido e medido de Marivaux. A citada pantomina "Batiste" foi vista completa, em seus seis quadros, obra-prima em que Barrault brilhou ainda mais que no prodigioso "Scapin" de Molière; além de outros grandes sucessos, com o portentoso "O Processo", de Kafka, Barrault nos deu a talvez maior realização teatral dêste século, num super-esfôrço de trazer a outro continente, em caráter comercial, espetáculo tão complexo e dispendioso. Em suma, apresentando um repertório cuidadosamente variado, onde a tragédia, a farsa, o drama e o "vaudeville" se sucederam dentro da mais alta dignidade artística, Jean Louis Barrault trouxe-lhe com maravilhosa lição de bom teatro, e nosso público retribuiu-lhe com a maior consagração que um elenco estrangeiro já obteve em nossos palcos.

Mas seu gênio criador e inquieto não poderia parar. De volta à França, prosseguiu no seu mister de mago da ribalta. Acresceu seu repertório de vários outros sucessos e ei-lo fazendo uma temporada na grande, cruel e esmagadora Broadway. Sucesso absoluto. O público americano o aplaudiu eufórico, e a revista "Life" declarou que o sucesso obtido por Barrault como diretor e ator em "Anfitrião" de Molière representa a maior glorificação de que se tem notícia, ùltimamente, nos palcos americanos.

Agora, chega-nos a notícia de que Barrault estará em breve no Rio. Estreará em 7 de maio no Municipal, com um repertório surpreendente: o "Anfitrião" — que lhe deu a consagração dos americanos — e "O Misantropo", ambos de Molière. A nouilh vem representado na obra que muitos consideram sua melhor produção, além de ser a mais recente: "La Repetition ou L'Amour Puni". De André Gide, veremos o comentadíssimo "Edipo" que em Paris, montado por Barrault para sua companhia, teve como protagonista o grande Jean Villar, o diretor do Teatro National Popular. Veremos o próprio Barrault no papel de Edipo! Além de "Le Cocu Magnifique" de Crommelink, "La Cerisale" de Tchekov e "Pour Lucrèce" (obra póstuma) de Giraudoux, veremos ainda "Cristóvão Colombo", a grandiosa peça de Claudel que tanta repercussão alcançou no mundo inteiro, quando de sua estréia em Paris, pela prodigiosa "mise-en-scène" que lhe deu Barrault e que, segundo muitos, supera a de "O Processo".

Ao contrário de muitos que trazem um elenco de última hora "para fazer a América" (até mesmo a "Comédie" tem vindo sem todos os seus nomes mais significativos) a Cia. Madeleine Renaud-Jean Louis Barrault nos trará o seu elenco permanente de Paris, que conta ao todo vinte figuras, sem incluir a equipe técnica. Assim teremos além dos artistas-título, as atrizes Simone Valère, Marie-Hélène Dasté (filha de Jacques Copeau), Nathalie Herval e os atores Pierre Bertin, Jean Desailly, Jean Servais, Jean Juillard e vários outros.

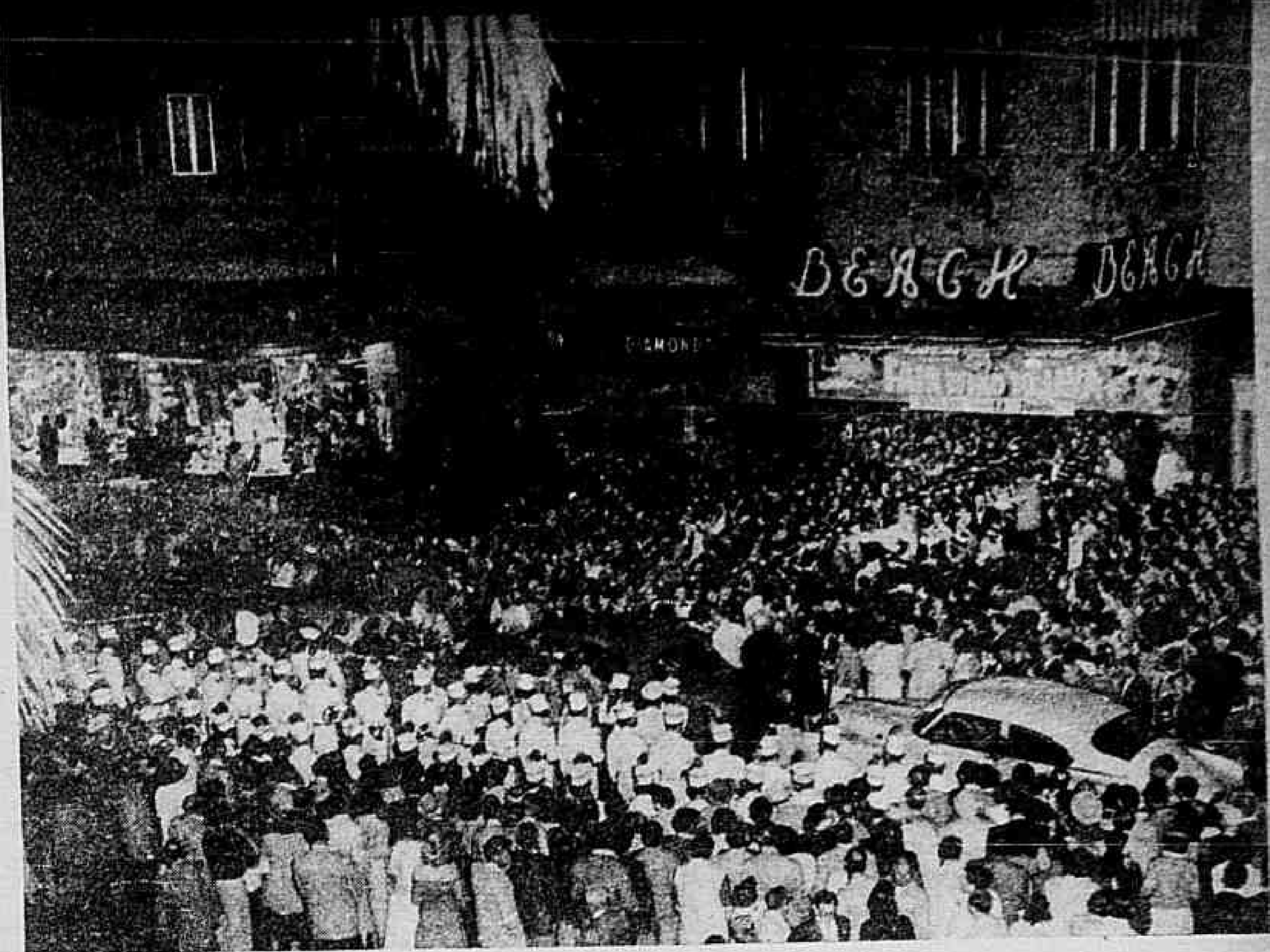
(Cont. na pág. 34)

Jean Louis Barrault dançando um samba com Ginger Rogers (improvisada de baiana) na festa dos tecidos Bangu, realizada no castelo do costureiro Jacques Fath. (Foto Carlos).

Jean Louis Barrault foi o estranho de «Conflitos do Amor» (França Filmes, direção de Max Ophuls), em que amava a bela Odette Joyeux e, depois, esbofeteava Edwige Feuillère!

DE TODO O MUNDO

Serviços especiais para "A CENA", coordenados por L. BOLTSHALSER



Tal foi a curiosidade do povo da cidade de Java que fortes contingentes da polícia tiveram de guardar o cinema quando da estréia de «A escuna do diabo», com a presença de Fred Mac Murray e Vera Ralston.

I T Á L I A

Ava Gardner, Valentina Cortese e Richard Basehart quase iam morrendo afogados num naufrágio. O fato se verificou perto de San Remo, onde os três "astros" estão filmando "A condêssa descalça". Para algumas cenas, os três deviam aparecer em um pequeno barco a vela. Acontece que uma tempestade súbita arrastou o barquinho para alto mar, e sòmente após nove horas de procura pôde ser êle localizado, flutuando ao sabor das ondas e carregando os famosos "astros" transidos de mêdo...

O casal de artistas franceses Henri Vidal-Michèle Morgan encontra merecido repouso em Roma. Michèle Morgan fêz recentemente uma temporada na TV americana em New York, onde foi encontrá-la Henri Vidal, depois do término das filmagens de "Le prince au masque rouge". Logo após as férias os dois retomarão suas atividades cinematográficas, possìvelmeite nos Estados Unidos.

F R A N Ç A

De volta de Roma, onde atuou em "Átila", Claude Laydu, o jovem advogado de "Somos todos assassinos", faz teatro. Trabalha, com grande sucesso aliás, na peça "Un inspecteur vous demande". Seu próximo papel no cinema será de um vilão, para variar um pouco de tipo.

Nadia Gray, a encantadora atriz rumena de nascimento e que recentemente naturalizou-se italiana, despediu-se de Paris dando uma brilhante recepção. Seguiu para Londres, após sua atuação em "Les femmes s'en balancent". Na festa de despedida, à qual compareceu todo o Paris artista, podia-se reconhecer, dentre outros, Fernand Ledoux, Edwige Feuillère, Frank Villard, Bernard Borderie...

I N G L A T E R R A

A distribuição normal do processo CinemaScope na Inglaterra está comprometida, devido a um litígio entre os proprietários de cinema e a firma detentora do processo. Os primeiros querem exibir o CinemaScope sem som estereofônico, consideram seu equipamento por demais oneroso. Enquanto que os segundos recusam-se veementemente a vender só o CinemaScope.

Provando que nem sempre há rivalidades entre os "astros", Michael Redgrave e Orson Welles trocam amabilidades. Enquanto Welles contrata Redgrave para seu filme "Monsieur Arkadin", o famoso ator britânico insiste em dar a Orson o principal papel de "Antônio e Cleópatra".

Com seu espôso, Jacques Bergerac, Ginger Rogers atua em "Lifeline" nos estúdios de Shepperton, uma história de amor calcada na que vivem na vida real os dois intérpretes. E ambos estão tão deliciados com essa oportunidade de reviver na tela o romance que tanto deu o que falar, que suportaram de bom-humor o roubo de que foram vítimas. A famosa "quadrilha das escadas", contra a qual a Scotland Yard fica impotente, roubou à "estrêla" uma capa e um casaco de "vison", e outro de arminho.

Vera Ralston sendo entrevistada durante a estréia de «A escuna do diabo», da Republic, em Java.



H O L L Y W O O D

O mais sensacional romance do ano continua sendo o que tem por protagonistas Mel Ferrer e Audrey Hepburn. Iniciado quando ambos se conheceram ao trabalharem juntos em uma peça na Broadway, muita gente acreditava ainda que tudo não passava de publicidade. Entretanto Mel Ferrer, que agora tem bem guardada no bôlso sua petição de divórcio contra Frances Pilchard, renova todos os dias seu pedido à graciosa heroína de "A princesa e o plebeu".

Os dirigentes da Fox continuam desarmados ante à atitude de Marlon Brando, que se recusa a atuar em "O egípcio". Trancado em um apartamento em New York, Brando não deu a menor consideração ao bilhete que foi pôsto sob sua porta por um meirinho. Êste intimava amàvelmente a Brando de, ou voltar ao trabalho, ou pagar oitocentos milhões de dólares, que é a estimativa total dos prejuízos trazidos à Fox pelo desaparecimento do ator.

Charles Boyer recusou o papel do sábio Arronax, em "Vinte mil léguas submarinas". Paul Lukas foi finalmente escolhido para desempenhá-lo.

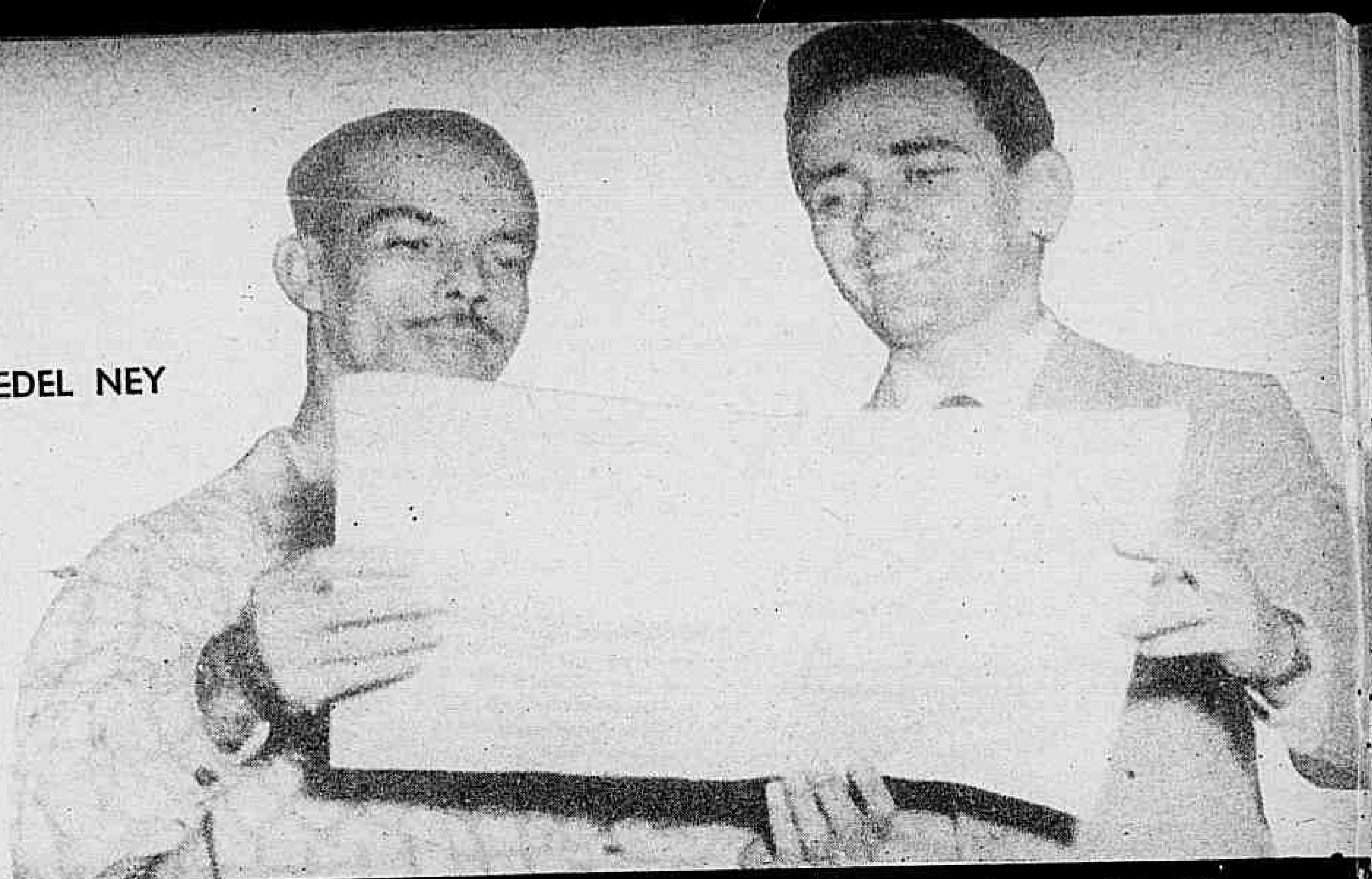
Frank Ross, o produtor de "O manto sagrado", prepara atualmente um "Alexandre, o Grande".

T C H E C O S L O V Á Q U I A

Os estúdios tchecos já estão em atividade para que seja cumprido o plano de atividades cinematográficas para 1954. Êste inclui doze películas de longa metragem, assim como o término de filmes iniciados em 1953, dentre os quais se destaca "A aldeia de madeira", que trata das transformações por que passou o campo tcheco, segundo a famosa obra do escritor Frantisek Hecko. Ainda êste ano serão iniciadas as filmagens de uma majestosa trilogia em côres sôbre as guerras hussistas da primeira metade do século XV. A direção dessa importante obra caberá ao conhecido cineasta Otokar Vavra.

Rádio

EDEL NEY



Francisco Carlos, ao lado de Murilo Vieira, mostra um dos seus próximos lançamentos.

OS «DISC-JOCKEYS» CARIOCAS — I — JOSE' AUGUSTO

Iniciamos hoje, em nossa coluna, um desfile dos denominados «disc-jockeys» cariocas, batalhadores infatigáveis de nossa música popular.

Como todos sabem, «disc-jockey» é o produtor e, às vêzes, locutor que tem um programa especial sôbre as coisas do disco e suas últimas novidades.

Além de um desfile das mais recentes gravações de tôdas as fábricas realiza, também, concursos, palestras e entrevistas com cantores e compositores, aproximando-os ìntimamente de seu público.

Abrindo o nosso desfile, aqui está JOSE' AUGUSTO, que goza merecidamente de grande cartaz entre os ouvintes, devido aos seus programas bem cuidados, e ao critério de justiça que usa em tôdas as realizações de suas produções. Quando na Mauá, seus programas eram os mais ouvidos e comentados.

Agora, José Augusto se transferiu para a Tamoio, canalizando uma verdadeira legião de ouvintes, para o prefixo da emissora da família brasileira. Tão grande tem sido o sucesso de suas programações que a Tamoio concedeu-lhe novo horário muito melhor, para que o dinâmico «disc-jockey» apresentasse o seu concorrido «Um presente para você». O novo horário de José Augusto é das 15 às 16 horas, diàriamente. E os seus fãs vêm aumentando cada vez mais, pois o novo horário vem favorecendo grandemente o jovem programador.

Renato de Oliveira está sendo considerado o melhor arranjador do corrente ano.



DISCOS—NOVIDADES

RENATO DE OLIVEIRA é, talvez, o mais jovem maestro que possuímos. Talento excepcional, contudo, a idade em nada tem lhe prejudicado a carreira. Muito cedo tornou-se conhecido em São Paulo, como um dos melhores arranjadores da nova geração. E a sua fama transpôs fronteiras. Agora é um nome conhecido no Brasil inteiro.

Durante muito tempo foi diretor musisal da Rádio Bandeirantes de São Paulo. Recentemente, abandonou o cargo, devido às suas funções de diretor artístico da Columbia, que o contraolham com bons olhos a sua gravadora.

À frente da nova gravadora vem realizando um trabalho digno dos maiores louvores. Em pouco tempo, firmou o prestígio de sua fábrica, com artistas novos e cartazes quase nenhum. Tanto assim que os nossos maiores recordistas de vendas já olhom com bons olhos a sua gravadora.

Seus lançamentos vêm primando pelo bom gôsto e, mesmo, comercialíssimos. Não há dúvida de que nasceu para a música. Seus arranjos para a Columbia estão despertando o maior interêsse nos nossos meios musicais.

Apesar de há pouco tempo no Rio, já goza de grande prestígio entre intérpretes, músicos e autores, mercê de suas qualidades positivas e de sua extrema simpatia e simplicidade.

—o—

A Odeon realizou um ótimo «cock-tail», de parceria com a Editorial Mangione, por motivo do lançamento do mais novo disco de Osni Silva. As músicas gravadas pelo renomado cantor paulista, em arranjos sensacionais de Gao, foram «Funeral do Rei Nagô» e «Banzo», ambas assinadas pelo conhecido Heckel Tavares e pelo poeta Murilo Araújo.



«OS MEDIOCRES DO CINEMA»

"Existe no cinema, seja êle de onde fôr, muita gente ganhando dinheiro e fama, vivendo de uma profissão que pouco ou nada entende. Diretores que colocam seu nome no cabeçalho do filme, como se tivessem feito alguma coisa de útil; artistas que tomam parte no elenco, para "passear" diante das câmaras.

Contudo, às vêzes ocorrem surprêsas. Vejamos: Cornel Wilde veio a agradar em "O Maior Espetáculo da Terra", dirigido pelo espalhafatoso Cecil B. de Mille. Todos sabem que as suas atuações anteriores eram mediocres. Alan Ladd, é outro vivo exemplo: nunca foi um ator que tivesse agradado aos criticos: Entretanto, em "Os Brutos Também Amam", ("Shane"), dirigido pelo correto George Stevens levantou a sua moral artistica. E muitos outros casos.

Assim existe muita gente ganhando o bom dinheiro, seja êle como for. O desperdício de material cinematográfico, tempo (precioso), a "saliva" que o "script" pede e isto já é demais em nossa época. Produções abundantes para fins comerciais. Nêsse caso o americano está na frente. São feitos filmes sem pé nem cabeça, tolices que nos custam os nossos preciosos, Cr$ 10,00 ou Cr$ 7,00 de entrada, como complemento do filme (?) algumas e porque não, muitas pulgas carimbadas (up) pelo dono do cinema, que faz farol com poltronas estufadas, agora a manjadissima tela panorâmica, o insuficiente ar refrigerado, quando o cinema não vira polo sul, parece (no natural) fornalha. E muitas outras coisas que estamos acostumados a ver e sentir. A arte de fazer o expectador sofrer... Seria sumamente impossivel obviar êsses erros. E o público, pobre público ai esta para obtemperar. O cinema é a arte mais popular, sem dúvida. E o meio mais rápido de se divertir. As vêzes. A lista é bem grande dos boas vidas, que estão espalhados em diversos setores, muitos com grande cartaz. Sinceramente que êsse negócio de "Não chegou a sua vez", "Falta-lhe um bom diretor", não calha para muita gente que já está cheia de experiência. Não é só beleza e boa vontade, que influi num artista, mas um pouco de "saber representar" a sétima arte. A lista é muito grande mas vamos fornecer alguns exemplos destas "raridades". O orgulhoso, o corpulento John Payne. Como trabalha mal! Se fazer caretas e dar murros é ser ator (bom), John Payne, Errol Flynn, Tony Curtis (vistoso) Alan Ladd, John Hal e muitos outros são verdadeiros reis da arte de representar (mal). A dengosa Elizabeth Taylor, a Vênus Ava Gardner, a horrivel Lana Turner, etc. formam a pilha dos "turistas". E' inumerável a lista, paciência, muita paciência com êsse pessoal.

M. CALIVTE — (VITÓRIA)

FATOS e BOATOS

Que o Errol Flynn compareceu ao Festival de São Paulo é fato; mas que êle não bebeu nem uma gôta de "whisky" é boato...

Que os primeiros filmes de "Lassie" alcançaram grande sucesso entre o público é fato; mas que os últimos filmes da "estrêla" canina conseguiram o mesmo êxito é boato!

Que Joan Fontaine, a famosa irmã de Olivia, ainda faz papéis de "mocinha" em seus filmes é fato; mas que na realidade continua sendo "brôto" é simples boato.

Que a Zsa Zsa Gabor é a bonita espôsa de George Sanders é fato; mas dizer que a mesma gostou quanndo Mr. Sanders iniciou a ação de divórcio é boato.

Que o cinema brasileiro continúa produzindo filmes em grande quantidade é fato; mas que a maioria dêsses filmes são de "Boa qualidade", como diz a nossa censura, é boato.

Que Margareth O'Brien foi uma das mais queridas "meninas-prodígio" do cinema americano é fato, mas que atualmente em sua "nova fase" tem conseguido despertar o mesmo interêsse é boato.

Que durante o Festival na Capital Bandeirante os jornais e revistas noticiaram o roubo de muitas joias de Ninon Sevilha é fato; mas que essa história tôda talvez fôsse mera publicidade, isto sim, provàvelmente não fôsse boato!

Que Irene Dunne continua desfrutando grande prestígio entre o público graças ao seu talento é fato; mas que ela tem menos de quarenta anos, é boato.

BRAGA FONSECA (Da A.B.I.) — Caxambu

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

(Continuação da página 13)

REGULAMENTAÇÃO

PRAZO: Aproveitando a publicação da série "Os melhores de todos os tempos" (páginas 6, 7, 8 e 9), através da qual os leitores estão sendo, semanalmente, lembrados dos grandes filmes de outras épocas, o prazo para o recebimento de votos será até 20 dias após o término da publicação da referida série, isto é, dentro de alguns meses.

REMESSA: Para maior eficiência do concurso, roga-se que o preenchimento e envio de "coupons" seja semanal; entretanto, é facultado aos leitores a remessa, acumulada, de várias semanas seguidas.

PONTOS: O filme votado em primeiro lugar marcará 8 pontos, o segundo 4; o terceiro 3; o quarto 2 e o quinto 1 ponto. Em um mesmo "coupon" o mesmo filme não poderá ser escolhido duas vêzes. Os filmes que forem indicados mais de uma vez, em um único "coupon", serão considerados em branco.

ESCOLHAS: Nos diferentes "coupons" semanais, que se seguirem, poderá ser feita nova indicação do filme ou filmes preferidos, acrescentados de outros, que vierem a ser lembrados ou não da série "Os melhores de todos os tempos".

LIBERDADE DE OPINIÃO: Fica estabelecido que, desde a pùblicação, na presente semana, os leitores poderão indicar quaisquer filmes, sugeridos ou não nas páginas de "Os melhores de todos os tempos" e referentes a qualquer época do cinema falado, inclusive os de anos mais recentes. Entretanto, deverão se abster de indicar películas que tenham sido refilmadas ou já reprisadas. No primeiro caso, seria impossível aos estúdios enviarem as primitivas versões, pois é praxe, no mundo inteiro, a total reclusão das velhas filmagens. No segundo caso, tampouco é aconselhável a indicação de películas que já tenham sido reprisadas. Porém, de qualquer forma, todos êsses eventuais votos serão também apurados, pois será uma manifestação de preferência, embora de poucas probabilidades de aceitação.

NÚMERO DE VOTOS

O número de votos de cada leitor será indeterminado ficando, assim, todos com idênticas possibilidades de terem os seus preferidos eleitos; contudo, aconselhamos que procurem obter, com pessoas amigas ou conhecidas, outras opiniões, embora eventualmente possam ser divergentes, a fim de que os objetivos do concurso se tornem ainda mais fundamentados.

OS VENCEDORES

Após o término da série "Os melhores de todos os tempos", no período de dias acima fixado, A CENA empregará todos os maiores esforços, tanto no país quanto no próprio estrangeiro, junto aos representantes ou organizações centrais, no sentido de conseguir o

(Cont. na pág. 34)

A CENA MUDA

Fundada em 1921

Secretário
Oswaldo de Oliveira
(Jonald)

Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

Desenho e Paginação
Luiz Lléo Sampaio

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569. Publicidade: W. Farinello — Rua S. Bento, 220, 3º andar — Telefone: 32-1512.

PREÇOS

Número avulso em todo o território Nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$ 200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$ 350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$ 180,00

Qual o filme que desejaria...

(*Continuação da pág.* 33)

retôrno dos eleitos. Entretanto, não pode, certamente, a revista assumir o compromisso de que tôdas as películas venham a ser reprisadas. Em 1947, isto assim aconteceu porque, de maneira quase geral, os leitores seguiram as instruções supra.

UM INQUÉRITO À PARTE

Aproveitando o lançamento do Concurso de "Reprises" lançamos uma outra interrogação, cujo resultado, certamente, influirá nos mesmos benefícios extensivos ao concursos, isto é, a mesma possibilidade de reapresentação. Trata-se de o leitor indicar o maior filme a que assistiu, em qualquer fase do cinema. A pergunta, que é lançada pela primeira vez no país, abrange desde os mais remotos tempos do cinema até aos filmes recentemente exibidos. Dentro de algumas semanas, publicaremos o resultado das primeiras votações.

★

O Festival de Cannes...

(*Continuação da pág.* 12)

"Hors Concours" o seu "Pão, Amor e Fantasia". Esta película não pôde concorrer ao Palmares por já ter sido apresentada em dois festivais que o precederam, inclusive em São Paulo, tendo sido criticado em "A CENA". O cinema indiano fêz-se representar por "Pamposh" filme de alto valor poético, inspirado em uma lenda do país. Esta película vale por uma afirmação da marcante personalidade do cinema indiano.

Entre os curta-metragem não se poderia esquecer o filme de bonecos de Jori Trnka, desta vez com partitura musical de sua autoria, onde a poesia e o virtuosismo técnico se conciliam para maior encantamento. Dos Estados Unidos, o primeiro desenho animado em Cinemascope "Toot, Whistle, Punk and Boom" em que 4 cães criados por Walt Disney são as vedetas.

O Brasil fêz-se representar por "O canto do mar" e por "Amazonia Misteriosa" o primeiro de Cavalcânti e o último de Zygmunt Sulistrowsky. Ambos foram acolhidos com reservas sendo que o de Cavalcânti causou uma verdadeira decepção apesar da expectativa que reinava em tôrno dêle.

★

Ana Beatriz não tem...

(*Continuação da pág.* 23)

RIVA BLANCH

Riva fará sua primeira grande experiência artística em "Rio 40.º". Muita gente pretende tê-la descoberto e contam com certo entusiasmo e convicção como e quando foi. Ela integrou o elenco do "Grupo Garôto" de Maurício Sherman que levou à cena várias peças infantis. Parte da honra cabe portanto a êste diretor. Outros, por razões sentimentais ou sejam lá quais forem, disputam o privilégio. Ela por discrição ou para criar mito recusa-se a apontar o "Pedro Álvares". Gente há que ficou aborrecida com isto. Estuda atualmente "ballet" na Escola do Teatro Municipal do Rio, integra o Grupo Terpsicore de bailados. Deposita grande esperança neste filme. Não faz planos futuros; "tudo depende" nos diz ela.

— Para lhe ser franca o "ballet" êste é o meu sonho mais caro.

★

Teatro e música...

(*Continuação da pág.* 30)

Tudo indica que se trata de uma temporada da mais alta significação artistica. Estamos mesmos inclinados a vaticinar que Jean Louis Barrault e seu elenco alcançarão desta vez o mesmo estrondoso sucesso — senão maior — que o obtido em sua primeira viagem ao Brasil, e da qual êle mesmo declarou levar as mais profundas e gratas lembranças. Que assim seja, pois estamos plenamente de acôrdo com Jean Louis Barrault quando disse:

"Eu desejo que essa novva viagem ultrapasse o limite exclusivo do teatro e seja, de uma maneira geral, um meio de intercâmbio humano. Pois o teatro, como tôdas as artes reais, é, essencialmente, um meio de comunicação e de comunhão entre os homens".





CABELOS BRANCOS...
Envelhecem
JUVENTUDE
ALEXANDRE
Faz desaparecer e
EVITA-OS SEM TINGIR

CINTOS MARAJÓ
CONFÔRTO E
ELEGÂNCIA

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência; sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS.

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME.........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE.......................

ESTADO.......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

★ NO GRANDE CONCURSO QUE SERÁ LANÇADO EM MEADOS DO CORRENTE ANO, EXCELENTES PRÊMIOS SERÃO DISTRIBUÍDOS AOS LEITORES

★ AGUARDEM ALGO DE DIFERENTE NO GÊNERO



JEAN VOHS,
"ESTRÊLA DE "TICONDEROGA", DA COLUMBIA

NO PRÓXIMO NÚMERO:

★ UMA REPORTAGEM EXCLUSIVA QUE DESVENDA OS SEGREDOS DA "3-D" SEM ÓCULOS (NA RÚSSIA), DO "CINERAMA", DO "CINEMASCOPE" E OUTROS INVENTOS

★ O ODOR NO CINEMA!

★ O HOMEM RETOCA O CÉU

DANA ANDREWS